

José Joaquim Rodrigues de Bastos

Pinna del

JOSÉ JOAQUIM RODRIGUES DE BASTOS



ompletei hoje quarenta e cinco annos, e deliberei celebrar o anniversario do meu nascimento. Era usança antiga da casa de meu pae. Não quero faltar a ella. Nesses dias de annos, que são os de grande gala das familias, não se gastava mais na meza, não se davam prendas de custo, nem vinham os amigos reunir-se á volta da brazeira para dizerem mal dos ausentes, e no dia seguinte uns dos outros, e todos de nós.

Ainda então não era moda ir a gente comer a casa dos seus conhecidos, passar no centro de uma familia a tarde e o serão, e no dia seguinte atirar-lhe á cara, a modo de bilhete de visita a agradecer, uma desavergonhada e atrevidissima descompostura na gazeta da cidade. Outros tempos, outros costumes!

Meu pae nesses dias dava parte de ausente. Fechava-se metade da porta da rua, e os criados respondiam a quem vinha procurar-nos, que os senhores estavam para a quinta. De portas a

dentro minha avó e minha tia resavam mais do que nos dias ordinarios, e no oratorio ardiam durante o dia e noite duas velas ao santo do nome de quem fazia annos. Pela manhã assistiamos todos á missa que nos meus primeiros annos celebrava sempre meu tio Joaquim de Sampaio e Sousa.

Nos dias do meu anniversario, de minha avó ou de meus tios, o chefe da familia declarava ao sentar-se á mesa do jantar que tinha praticado esta ou aquella acção de caridade em honra da pessoa cujos annos se festejavam. Eram quasi sempre esmollas a familias envergonhadas, ou a algum preso conhecido, vestidos dados a pobres ou acção semelhante a estas. As outras pessoas da familia, incitadas por tal exemplo, que o amor filial me instiga a chamar generoso, faziam quanto cabia nas suas forças para imitarem meu pae, mas não o revelavam senão no dia dos annos d'elle. Nesse o dono da casa, apesar de ter dispendido mais do que nenhum de nós, ficava silencioso, e os outros é que contavam o que em honra sua haviam praticado. Usos da provincia!

Assistí a estas festas domesticas até á idade de doze annos em que tive a desventura de perder meu pae. Como era creança não podia remediar orphãos e viuvvas, visitar encarcerados ou vestir nus. Os parcos tostões que me davam para me habituarem a manusear dinheiro, chegariam para comprar rebuçados ou algumas d'aquellas maravilhosas *tortas* e gostosos *covilhetes* da rua nova de Santo Antonio no Porto, de que o nosso tripeiro Garrett se lembrava com satisfação em Lisboa, e de que eu me recordo em Paris com equal saudade.

Consistia a minha boa obra em dar nesses dias mostras de aproveitamento nos estudos. Comecei por trazer para a mesa um papel com riscos que andou de mão em mão para provar que o menino se applicava com grande esmero e assiduidade, ou que o Padre Mestre da Villa dos Gatos era a phenix dos professores de primeiras letras.

No ultimo anniversario anterior á morte de meu pae, fallecido em 1829, apresentei uma carta em latim e recitei um longo comprimento em francez. Puz nas mãos paternas os dois fructos do meu engenho e parti para o meu logar na mesa, mais contente do que Cicero estreado-se na defeza de Roscio Amerino, e mais satisfeito do que Bossuet ao concluir uma d'aquellas orações fúnebres que assombraram a França, e cujo admiravel echo chegou até aos nossos dias pela voz de Lacordaire.

Pois se em criança não dispunha de grandes sommas, tambem agora não sou rico. De bom grado fundaria eschololas, crearia pre-

mios, dotaria institutos de caridade, daria de comer aos que têm fome, e de beber aos que têm sede, e praticaria outras acções boas e louváveis, próprias de gente abastada. Não o posso fazer, porque faltaria a deveres sagrados se para glorificação do meu nome, ou para festejar o dia do meu nascimento, repartisse pelos outros o que já me não pertence.

Não hade porém ficar sem commemoração o dia em que completei o nono lustro da minha idade. Farei como em pequeno. Virei expor aqui mais um quadro das glorias portuguezas do nosso tempo. Honrarei assim a tradição paterna, e satisfarei o meu innocente desejo de maneira util á nação, a cujo serviço devem andar sempre a memoria, o entendimento e a vontade de cada um dos seus filhos.

Irei procurar o nome de um homem que mereça o respeito e consideração universal, que de longos annos nos tenha dado memoráveis exemplos de virtude, que disfrute creditos de incontestavel probidade, e que seja cidadão prestante, bom pae de familias, e excellente entre todos os seus compatriotas.

Na verdade não careço de grande esforço para o descobrir. Se o tenho aqui ao meu lado em primoroso retrato obtido no apparelho photographico do Sr. Novaes do Porto! Alcancei haverá um anno esta mercê da extrema bondade e inexcedivel cortezia do venerando ancião cujo transumpto adorna hoje a primeira pagina da *Revista Contemporanea*.

Sollicitei este retrato desde que intentei compor na lingua franceza as biographias dos nossos contemporaneos mais illustres. Se encontrei decorosa resistencia no homem retirado das glorias e do bulicio do mundo, não me vi a braços com o orgulho que usurpa o nome de modestia e que pertende dar caro o que imagina que lhe hãode tomar por todo o preço. E mais em nenhuma outra pessoa assentava melhor o conceito elevado ácerca do proprio merecimento do que no moralista eminente, cujas altas qualidades anda ha tantos annos proclamando nos dois hemispherios a opinião geral de naturaes e estranhos.

Deixou-se vencer a modestia pela benevolencia e pela cortezia. Ambas deram força ao respeitavel octogenario para superar repugnancias que não datavam de então, e para annuir com delicada complacencia ás minhas repetidas instancias. Bem sei que o affecto filial veio em meu auxilio neste difficiloso empenho, e que não me faltou a cooperação affectuosa de um amigo e patricio que a cidade do Porto viu com prazer durante muitos annos em um dos seus primeiros cargos administrativos, mas a mercê foi tamanha e tão primorosamente outorgada que não a posso

ceder inteira a outrem, antes para a divida de gratidão reclamo para mim toda a graça e favor que neste caso recebi.

A quem com affeição nunca desmentida me ajudou a triumphar dos escrupulos paternos já eu devo a vida.¹ Que mais lhe posso dever se estou em obrigação do que nunca poderei pagar?

O retrato do sr. conselheiro José Joaquim Rodrigues de Bastos, que a *Revista Contemporanea* dá hoje, é o primeiro que de homem tão distincto se estampa em Portugal e fóra do reino. Outro tanto não posso dizer dos apontamentos biographicos porque não são originaes. Já foram publicados em França pelo sr. Vepereau. No dictionario dos Contemporaneos prestou o infatigavel e honrado biographo parisiense a devida homenagem ao escriptor cujas doutrinas a França para logo quiz suas desde que em Portugal se imprimiram e divulgaram.

Entre nós a *Miscelanea Litteraria*, jornal portuense mui digno de ser conhecido, e a *Revista Peninsular*, cuja publicação foi interrompida, começaram a solver a divida nacional para com o Rochefoucauld portuguez, mas nem esses dois excellentes periodicos, nem a *Revista Contemporanea*, apesar da vontade muito sincera dos seus directores, se podem lisongear de ter saldado a conta. *Ha dividas*, dizia um antigo escriptor nosso, *que por mais que faças por sair d'ellas, sempre lhe ficaes debaixo do jugo da obrigação*. É d'esta qualidade a da geração actual para com o illustre auctor das *Meditações Religiosas*. Nem já é divida portugueza, senão universal.

Com o timido esboço de tão honesta e laboriosa existencia celebrou hoje o meu anniversario. Transformo em festa nacional a solemnidade domestica, e collocando-me ao descair da vida sob a protectora sombra do maior vulto religioso e philosophico dos nossos tempos, como que me acolho no resto dos meus dias ao abrigo das idéas religiosas, *sem as quaes*, escrevia o sr. conselheiro Bastos, *não ha verdadeira moral, nem verdadeira liberdade, nem sociedade possivel*.

II

Começára havia poucos mezes o reinado da Senhora D. Maria I, quando a 8 de novembro de 1777 nasceu no pequeno logar de Vallongo, pertencente á comarca e recente bispado de Aveiro o sr. José Joaquim Rodrigues de Bastos, filho legitimo de João Rodrigues da Cruz e de D. Barbara Luiza Corrêa de Bastos. Boa qua-

¹ O sr. doutor Manoel Maria Rodrigues de Bastos salvou-me a vida em Angola onde tanta gente lhe deveu gual beneficio.

dra para vir ao mundo em Portugal, parecia aquella em que todas as reformas do marquez de Pombal já estavam decretadas e em principio de execução! Por mais que o bom senso desapassionado as emendasse e corrigisse, e por muito que pertendesse atterral-as o antagonismo do novo reinado, as idéas principaes subsistiriam, e ao cabo de vinte e cinco ou trinta annos produziriam fructos sasonados. Para esse tempo seria homem o rapaz nascido oito mezes e meio depois do fallecimento do Senhor Rei D. José.

Não tenho noticias particulares ácerca dos paes do sr. conselheiro Bastos, nem fiz diligencias para obtel-as. Não carece do esplendor das virtudes paternas, quem de tão brilhante aureola de gloria vive cercado, e para que a patria honre a memoria dos paes pela educação em que se basearam as elevadas qualidades do filho, não é mister revolver pergaminhos, examinar cartorios ou fazer inquirições *de genere*.

Creio todavia que eram abastados de bens de fortuna a julgar pela profissão a que destinaram o filho, mandando-o graduar em direito na Universidade de Coimbra, d'onde veio inscrever-se como advogado nos auditorios judiciaes da cidade do Porto. Para começar a carreira do fóro por entre numerosos e atilados concorrentes na segunda cidade do reino, não bastava só ter engenho e applicação, era tambem necessario possuir meios de aguardar que a notoriedade do talento principiasse a produzir os devidos effeitos.

Pouco tempo depois entrou na magistratura judicial com o despacho de juiz de fóra da villa de Eixo, e nessa honradissima corporação se conservou até deixar o serviço do Estado, quando já tinha assento no desembargo do paço, que era então o primeiro em graduação e prerogativas entre todos os tribunaes portuguezes.

Gosava a nossa magistratura antiga de grandes honras, possuia importantes privilegios, merecia o respeito e consideração geraes, e era uma das classes mais poderosas da sociedade, pois que nas suas mãos se juntava uma boa porção da auctoridade administrativa ao poder judicial, que naturalmente lhe pertencia. Sobravam-lhe tradições nobilissimas desde o celebre Chanceller João das Regras até aos nossos dias, e por entre a relaxação de costumes de que anda accusado o seculo xix desde os seus primeiros annos não faltavam exemplos de probidade e de firmeza de character entre os sacerdotes da justiça.

Floresciam tambem nas letras. Citam-se com respeito os nomes dos magistrados poetas que ennobreceram a Arcadia portugueza,

e não merecem menor consideração os membros da magistratura, cujos trabalhos honram as memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. No governo do Estado, quando os chamára a elle a confiança do Soberano, tinham deixado documentos de grandé perspicacia politica, de inabalavel lealdade e de esclarecido patriotismo.

Perante exemplos taes, devia recciar das proprias forças o mancebo, que pela primeira vez invergasse a toga de juiz, recebendo com ella o pesado encargo de imitar, e a inherente instigação de exceder o merito e as virtudes do celebre doutor Antonio Ferreira, de Gabriel Pereira de Castro, de Antonio de Sousa de Macedo, de Antonio Diniz da Cruz e Silva, de Antonio Ribeiro dos Santos, e de tantos outros respeitaveis magistrados portuguezes.

E quão differentes dos nossos eram aquelles tempos antigos em que todos trabalhavam á porfia para se instruirem, e cada qual desconfiava sempre das proprias forças! Ninguem acreditava, como hoje se acredita geralmente, em que o homem nasce com o instincto de julgar e de governar os outros, e que este lhe basta para desempenhar todos os cargos da republica. De fazer calçado ou roupa sabem os que aprenderam o officio, e muitos não o exercem com perfeição. De governo e da interpretação das leis entendemos todos sem carecer de mestre! Por isso governamos e julgamos como por ahi se diz, e eu não quero repetir aqui.

Mostrou o tempo que o sr. Rodrigues de Bastos era homem para cumprir os laboriosos deveres do sacerdocio judicial, mas a natureza revolta daquella quadra desviou-o logo das funcções de magistrado, e roubando-o aos estudos da jurisprudencia pratica, lançou-o no turbilhão das agitações politicas.

Rebentára na cidade do Porto no dia 24 de agosta de 1820 a nossa primeira e mui justificada revolução liberal, e o sr. Bastos fôra eleito pela provincia do Minho deputado ás cortes constituintes onde tomou assento na sessão preparatoria de 24 de janeiro de 1821, sendo escolhido dois dias depois para as funcções de secretario por 47 votos.

A revolução de 1820 foi disposta por alguns homens sagazes e atrevidos, nos quaes incarnou a vontade de todos os portuguezes, mas transformou-se logo em grandiosa explosão nacional e entusiastica. Ninguem era affeiçãoado á supremacia ingleza, desagradavam geralmente os rigores brutaes de lord Beresford proximo a regressar ao reino investido de quasi todos os attributos da realza, lamentava-se a ausencia da familia real, e encontravam echo sympathico no coração dos homens intelligentes

de Potugal as vozes dos reformadores francezes de 1789 e dos liberaes hespanhoes de 1812.

A regencia do reino dirigira com zeloso acerto todos os negocios relativos á defeza do territorio, á organização da fazenda, e ao governo do Estado durante a guerra contra a França, porém a sua missão benefica começava no remanso da paz a degenerar em tyrannia. Desde que para sustentar o governo de Lisboa foi necessario regar a terra portugueza com o generoso sengue de Gomes Freire de Andrade e dos seus cumplices, a nação inteira conspirou contra os governadores do reino.

As classes mais civilizadas desejavam governo justo e reformas. O povo queria os inglezes fóra e o rei em casa. Todos tinham razão.

A revolução foi patriótica, liberal e monarchica, *revolução de boa fé*, como lhe chamou na imparcialidade das suas apreciações historicas um esclarecido Soberano. Os dois parlamentos a que ella deu origem, foram infantis e por vezes insensatos. Seria grave injustiça chamar-lhes sediciosos. O partido liberal não estava preparado para as luctas das assembleas legislativas. Em quanto os seus adversarios, habeis no trato dos negocios publicos combinavam com a reacção europea a destruição do governo liberal, esgotavam os deputados a sua energia em discursos estereis, em que as manifestações republicanas discordavam dos sentimentos da nação, e das opiniões politicas dos proprios oradores. Onde reformas completas e rapidas deviam arrancar das mãos inimigas as armas de aggressão, quebral-as e dispersar os pedaços, como dez ou doze annos depois praticou arrojadamente Mousinho da Silveira, declamaram-se com affectada emphase rajadas pueris de liberalismo theorico, e amostras inuteis de eloquencia parlamentar.

Não passaram de nome vão as instituições liberaes. A propria reacção em 1823 ficou espantada de não ter que restaurar. Levantou muita poeira desde Villa Franca até Lisboa, fechou uma sala nas Necessidades, abriu outra no Rocio, e deu-se por satisfeita. O systema liberal desapareceu sem deixar vestigios. A idéa da liberdade é que sobreviveu recatada no animo dos vencidos, e reservada para melhores tempos na consciencia de muitos dos vencedores.

Representar o bom senso publico nas cortes constituintes de 1821 ou nas ordinarias que se lhe seguiram, era missão difficil. Cumpria lutar constantemente mais com as expressões do que com as idéas liberaes, e oppor ás conspirações absolutistas egual resistencia. Ser quasi reaccionario entre os liberaes sem negar a

grandeza e a verdade da idéa, e mostrar-se quasi republicano entre os reaccionarios sem aggreder o espirito de ordem e de respeito á authoridade que elles proclamavam, era a espinhosa tarefa do deputado em cujo entendimento valessem mais do que noções abstractas e palavras estereis, o bem da patria, o futuro da liberdade, as reformas uteis e analogas ao estado do reino, a civilisação do povo, a conservação do principio monarchico e a dignidade pessoal do rei. Nessas cortes e com sinceros e numerosos alliados fóra dellas, se principiou a organizar o partido conservador mais consciencioso de que ha memoria nos fastos portu- guezes, gente na verdade liberal e monarchica que nunca teve ensejo de governar desafogadamente, senão nos poucos annos da curta regencia do duque de Bragança D. Pedro, quando os aca- sos da sorte tinham repartido pelos dois campos inimigos os membros desse grupo respeitavel, e transformado Palmella, Mou- sinho da Silveira, Trigoso, S. Luiz, e Joaquim Antonio de Aguiar em adversarios politicos do duque de Cadaval, do conde de Bar- bacena, de Rodrigues de Bastos, de João de Mattos, e do Visconde de Santarem !

O sr. José Joaquim Rodrigues de Bastos foi um dos mais illus- tres campeões do partido liberal conservador e pratico nas pri- meiras assmsbleas legislativas de Portugal. Admittia a opinião vulgar de então duas unicas classificações politicas, liberaes e corcundas. A philosophia dos escriptores da epocha não desco- bria outra em que inscrevesse os que no caminho direito do ec- clecticismo ora se mostravam valentes soldados nas fileiras libe- raes, ora pareciam militar no arraial inimigo.

A incerteza dos juizos d'esse tempo está documentada em um livro muito conhecido.¹ Ali se vê quanto as differentes opiniões do insigne deputado pelo Minho, perturbavam o espirito do au- ctor a ponto de não saber se devia pôr o nome do sr. Bastos na lista dos amigos da liberdade ou se deveria lançal-o na dos par- tidarios mais ou menos disfarçados do absolutismo. A liberdade era criança e á semelhança de todas as da sua idade, impacien- tava-se e enraivecia-se contra quem a contrariava mesmo para seu proveito !

É hoje de facil apreciação o que então parecia inexplicavel. Amestrou-nos a experiencia do regimen liberal e a verdade dos principios fez brotar nos nossos corações a tolerancia e a pacien-

¹ A Galeria dos Deputados das Côrtes Geraes etc. Lisboa na Typ. Rollandiana 1822 in 4.º Dizem ser obra de João Damasio Roussado Gorjão, nascido em 1777 e fallecido em 1856.

cia politica. Encontramos sem difficuldade nos votos e propostas do antigo Juiz de Fôra de Eixo a classificação completa dos seus pensamentos como representante dos povos da provincia do Minho.

O partido liberal reivendica para o seu gremio o homem que em phrases eloquentes apoiou a introduccão do jury, demonstrando com razões philosophicas e com exemplos historicos a sua incontestavel utilidade, e que sempre pugnou pela liberdade plenissima dos deputados em todas as circumstancias parlamentares, e ácerca de quaesquer assumptos. Queria liberdade para si, mas não a tinha por efficaz e legitima, se faltasse aos outros representantes da nação.

Estes são os verdadeiros amigos da liberdade. *Não é libera quem proclama os bons principios*, me dizia muitas vezes o sr. deputado Pereira Derramado, *é-o quem lhe supporta corajosamente as consequencias*. Os primeiros são inumeraveis na hora do triumpho; os segundos são poucos porém firmes e leaes na praça, na tribuna, no governo, no exilio, no carcere e no patibulo.

O sr. Bastos votou por uma só camara. A sua opinião, talvez então alcunhada apaixonadamente de exaltada, é hoje a dos melhores e mais moderados publicistas da Europa e da America. As camaras de Pares, de Proceres, de Senadores ou de Senhores, já em poucas partes conservam a transmissão hereditaria, e entre os membros d'essas assembléas aristocraticas começa a vigorar a idéa de fusão com as camaras electivas.

É rapido o caminho do poder nos governos representativos, legitima, natural a entrada na Camara Alta ainda em verdes annos. Ali se reúnem elementos de grande vitalidade, collocados fóra do principal centro do movimento politico e saudosos d'essa agitação desde que passa a curta vertigem da gloria de ser contado entre os proceres do reino. A saudade da vida activa instiga ao combate, e a instituição perde as suas melhores qualidades para assumir as que lhe não pertencem. Nascem d'ahi conflictos, confusão, desequilibrio e desordem. Nasce tudo menos a inauguração feudal apoz cuja sombra correm por essa Europa com geral escarneo tanto vilão doirado, tanto burguez ambicioso, e tantos populares convertidos e penitentes!

O sr. Bastos viu mais longe do que os seus contemporaneos, deduziu mais logicamente do que elles as consequencias que se contem nos principios. Não lhe queiramos mal por isso. Gloriamo-nos de que um portuguez previsse ha, quarenta annos o que a Europa e America pretendem agora inculcar como principio moderno, e resultado fecundo da civilisação novissima.

Foi então muito notavel a questão do veto, que uns queriam

absoluto e outros desejavam suspensivo. Nessa conjuntura de desconfiança e de ciúme de auctoridade, em que o principio popular contido por tão longo tempo se espraia muito além dos seus limites naturaes, e procurava assegurar o porvir restringindo o poder real que erradamente tomára por inimigo, sobressahia a importancia theorica do veto de maneira que mais acertado pareceria ceder do que resistir a um principio que a applicação pratica modificaria inteiramente, e restringiria a proporções limitadas e innocuas. O sr. Bastos votou pelo veto suspensivo.

O seu voto foi contrario ao Conselho de Estado, talvez por ser um corpo anomalo, pois que segundo o espirito da constituição o governo legal só devia depender da camara, do rei e dos ministros responsaveis. Quaesquer que fossem as causas do voto do sr. Bastos nessas duas questões, é certo que os principios de ordem e de verdadeira liberdade não podiam triumphar se os homens prudentes não cedessem brandamente ás paixões exaltadas do momento sacrificando assumptos de interesse secundario para salvar a liberdade da imprudencia dos seus perigosos amigos.

Em duas occasiões se manifestaram principalmente a perspicacia do entendimeto do sr. Bastos, a firmeza das suas convicções liberaes e os seus elevados sentimentos ácerca da dignidade humana. A primeira na proposta de que fosse revogavel o mandato quando faltasse ao eleito a confiança dos eleitores. A segunda na pena de grilheta applicada a certas infracções da lei de liberdade de imprensa.

Parecia ao sr. Bastos que tal pena se não podia applicar a homens de letras, porém nesta discussão teve por adversario o proprio patriarcha da revolução e insigne jurisconsulto Manoel Fernandes Thomaz. Cuidou o illustre auctor do reportorio da legislação portugueza responder cabalmente com o aphorismo constitucional de que a lei é igual para todos, como se tal egualdade se guardasse applicando castigo identico a réos que o não sejam nas disposições physicas e moraes que tanto aggravam ou diminuem o effeito da pena.

A esta rasão, hoje victoriosa entre os criminalistas e attendida nos proprios regulamentos das prisões, ajuntou o sr. Bastos com generoso conceito do decoro humano que pena tão infamante incitaria ao suicidio os homens de letras a quem fosse applicada. Quem proporciona o alimento á idade e circumstancias do individuo, quem ajusta o vestido pelas disposições do clima e das estações, quem no curativo das enfermidades accomoda as doses aos temperamentos e ás forças do enfermo, não póde na

applicação das penas, que são para tratamento e cura das molestias sociaes, renunciar a regra geral para estabelecer uma excepção de odiosa desigualdade. Negar livros, papel e penas ao homem estudioso e applicado, é um grande castigo. Puni com igual privação o ignorante e descuidoso que de certo se não queixará do rigor penal do vosso codigo.

A revogação do mandato pela discordancia entre os eleitores e o eleito é uma boa idéa, se lhe regularem convenientemente a applicação, aproveitando o bom principio e precavendo os inconvenientes que podem ser graves. Entretanto na aurora do governo liberal o seu primeiro resultado seria estabelecer relações directas e constantes entre o deputado e os seus constituintes. O segundo, convencer o povo da elevação e importancia da missão eleitoral, e trazel-o attento ás acções do seu representante. Assim o reino inteiro se instruiria nos direitos e deveres constitucionaes, estimaria a liberdade á medida que a fosse conhecendo e exercitando, e unido em espirito com os seus representantes, constituiria o governo forte e sinceramente constitucional, que os publicistas já desesperam de encontrar nas ficções da maior parte dos codigos politicos. Terra onde os eleitores zelassem a representação dos direitos politicos com a assiduidade com que velam pelos seus interesses particulares, nunca perderia a liberdade.

Não seria então eleito pela India um cidadão de Bragança. Valença não daria os seus votos a um juiz de direito de Cabo Verde, Angola não mandaria ao parlamente um cavalheiro de Campo Maior, e Lisboa não buscaria representantes na cidade do Nome de Deus de Macau. Cada circulo elegeria o homem em quem mais confiasse, e este votaria pelos interesses dos seus constituintes sem prejuizo da causa publica. Do combate entre todos os campanarios sairia a verdade aferida pela utilidade geral a que cada um teria de sacrificar-se.

Não prevaleceram nas cortes d'essa época os principios conservadores da liberdade. A exaltação dos liberaes, e a exaggeração dos reaccionarios combinaram-se para impedir o desenvolvimento e applicação leal das idéas liberaes. Aos conservadores faltava chefe, unidade, e occasião propicia, e só lhes restava unir-se ao governo realista de 1823 para lhe robustecerem com o seu auxilio os intuitos de reforma política, e a boa vontade de resistir á insania dos absolutistas exaltados.

Assim o fizeram, e no numero dos que el-rei D. João VI nomeou para discutirem no palacio da inquisição no Rocio, o futuro codigo politico do reino, entrou o sr. José Joaquim Rodri-

gues de Bastos. Não sei com que intenção nomearam para este encargo uns homens de cujos sentimentos politicos não se dava por contente nenhum dos dois partidos, mas posso afirmar que o sr. Bastos foi no Rocio o que fôra nas Necessidades, liberal, consciencioso e consequente.

Todos sabem que a junta do Rocio em vez de apresentar ao rei a nova constituição, intendeu que o devia dispensar da promessa de Villa Franca, e pedir-lhe que conservasse a organização politica dos tempos anteriores. Esta resolução anachronica, desleal, e evidentemente contraria ás idéas que maior voga tinham na Europa, não foi unanime. A minoria da commissão votou pelo cumprimento da promessa real para que legalmente se fizesse o que tarde ou cedo viria a fazer-se talvez com quebra da legalidade e com grandes abalos sociaes. O leitor já advinhou que entre os votos da minoria está o do sr. Rodrigues de Bastos.

(Continúa).

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

NO TRANSITO DO SENHOR REI D. PEDRO V.

I

Ad sidera palmas

No monumento público
lidaste o dia inteiro,
desd'alva até ao vespero,
Joven, Real obreiro.

Limpa o suor da purpura
ao funebre lençol;
vai receber a ferias;
descança; é posto o sol.

Aos do porvir artifices
dêste não visto exemplo:
juntaste um lanço amplissimo
da humanidade ao templo.

Foi-te a semana asperrima;
prostrou-te; mas, valor!
Chegaste ao dia septimo,
ao dia do Senhor.

Sóbe aos eternos jubilos,
 ao throno verdadeiro;
 no rosto melancolico
 abre o sorrir primeiro.

Olha do Empyrio os porticos
 aureos com mil tropheos!
 Ouve!... «Bem vindo, ó principe,
 «bem vindo aos patrios ceos!»

Quatro Reaes espiritos,
 d'anjos sem conto á frente,
 ao som d'argenteas citharas,
 aos pés do Omnipotente,

alçam em côro um cantico
 de hosana triumphal,
 ao que lhes junta glorias
 á gloria perennal!

Quem são? O Avô philosopho,
 Imperador soldado;
 a Mãi virtuosa, o idolo
 d'um reino libertado;

a Esposa, flor ephemera;
 o idolatrado Irmão.

Tirando a c'róa civica
 por sua augusta mão,

«Vem, Neto meu magnanimo
 — diz o guerreiro invi'to —
 «eu não passei de Romulo,
 «tu foste Numa e Tito;

«recebe-a pois; pertence-te;
 «lá, duas abdiquei;
 «em ti ab dico a ultima;
 «sinto-me em dobro Rei.»

Então a Mãi, entre osculos
 cingindo o caro Filho,
 alça na dextra aureola
 de sempiterno brilho,

e impõe-lh'a. «Quando o tumulto
me reclamou—lhe diz—
tremi por nossa patria
em mãos tão juvenis:

«Se escorregar no solio!...
«Se esquece a liberdade!...
«Se o rodearem perfidos!...
«Se o cega a magestade!...

«Se da lisonja ao halito
«o vicio o adormentar!...
«Se emfim lhe fôr patibulo
«o que eu lhe deixo altar!...

«Que transe, ó Deus, que angustia
«ao coração materno!
«Salvae-m'o Vós. E pallida
«me adormeci no Eterno.

«Não foi baldada a supplica;
«o Eterno me escutou:
«foste, inda imberbe, maximo,
«como nas cãs o Avó.

«Mas toda a c'roa (e invejam-nas!)
«tem fatal pezo; e a sorte
«multiplicou-o ao centuplo
«na que eu te dei por morte:

«tressuas sangue... ampáral-a...
«trepidas... cae-te aos pés...
«baquêas; nobre victima,
«surge; immortal já és!

«A c'rôa d'astros fulgidos
«que á tua frente imponho,
«não prostra, não faz miseros,
«não passa, não é sonho;

«estrellam-na carbunculos;
«foi co'os martyrios teus
«que os fabricou tão vividos
«a propria mão de um Deus.»

«Vem, adorado Conjuge,
—a terna Esposa exclama—
«cá se restauram vinculos
«que a morte não destrama :

«és meu, sou tua; o thálamo,
«que lá sumiste em dó,
«ornam-no aqui balsamicas
«rosas de Jericó;

«tolda-o docel ceruleo
«de estrellas fulgurante;
«é no aposento lampada
«lua jámais cambiante.

«Côro de virgens candidas
«nos fada amor sem fim.
«Um paraiso incognito
«nos serve de jardim,

«onde entre as francas arvores
«da VIDA, e da SCIENCIA,
«nos rulha a pomba mistica
«ternuras e innocencia.

«Cá, saciarás a indómita
«cubiça do saber;
«cá, vida de relampago
«se abre em perpetuo ser;

«perpetuo ser! (oh! extasil)
«e ante o Senhor unidos!
«Olha esta c'roa, dádiva
«da terra entre gemidos;

«cingi-a na hora funebre,
«em que tão só parti!
«saudades são; no Emyrio
«inda as guardei por ti.

«Flores que nutre ausencia,
«a posse vos desterra;
«ereis do chão das lagrimas,
«volvei de novo á terra.»

O Irmão, alma virginea,
c'roadado de cecens,
lhe mostra ovante o innumero
dos ineffaveis bens.

« Ao valle das miserias
que pezo te prendia
— lhe diz — «que espero ha seculos
«ver-te no eterno dia?

«Eras o primogenito,
«e eu precedi-te; eu sou
«quem ao fugir do ergástulo
«os teus grilhões quebrou.

«Abraça-me, e agradece-m'ó.
«Olha e compara: o mundo,
«antro da insciencia e dúvida;
«d'erros mar vasto e fundo;

«brenha de féras rabidas;
«vergel sobre volções;
«reino em que a morte é déspota;
«urna das gerações;

«confuso abismo em vórtice,
«fallaz, horrendo, immundo;
«sem luz mais que um crepusculo...
«é isso, é isso o mundo!

«Cá, tudo é fausto e solido;
«cad'hora é de annos mil;
«de idade a idade, medra-nos
«sempre mais verde abril;

«respira-se nos zephyros
«amor, prazer, bondade;
«bebemos a sciencia
«na propria Divindade;

«em salas de oiro e porfyro,
«com tectos de oiro e azul,
«poisa-se em thronos lacteos
«de alto marfim curul;

«e á luz de mil sóes tremulos
«em lustres diamantinos,
«se lem nas sacras páginas
«mysterios e destinos ;

«contempla-se o preterito ;
«devassa-se o porvir ;
«e ao Trino, ao Uno, ao Optimo,
«faz-se o louvor florir.

«Depois festins e nectares,
«no mundo nem sonhados ;
«passeios e tripudios
«por feiticeiros prados,

«d'onde, furtiva e tacita,
«vem cada ante-manhã
«flores colher punicias
«aurora alva e louçã.

«Collinas, desde o pincaro
«vestem-se até ás faldas
«co'as selvas mais umbríferas
«de vivas esmeraldas.

«Nesses recessos placidos,
«aligeros Orpheos,
«os seraphins ternissimos
«cantam em côro a Deus ;

«e ao seu con cento magico,
«respondem, resonantes,
«canoros e prismaticos
«Niagaras de brilhantes.

«Ouves ao longe Píndaros
«nas lyras a exaltar
«da crença os heroes martyres,
«e sobre o circo o altar ;

«ouves em gruta flórida
«matriz de sacra fonte,
«cantar novas delicias
«piedoso Anacreonte,

«ou Saphos, que abrasando-se
«em não indigno amor,
«votam ás virgens sabias
«as cordas do *Sinor*.

«Cad'arte, lá no infimo
«orbe terreno, escuro,
«almeja algum revérbero
«de um ideal futuro;

«todas aqui de subito
«o encontram já sem veos!
«A poesia, a musica,
«vem triumphar nos ceos.

«Que digo! Outra prophetica
«ancia do instincto humano,
«foi sempre achar o archetypo,
«vêr do universo o arcano,

«as causas dos phenomenos,
«as leis de cada ser,
«e ao grão complexo harmonico
«seu Génesis tecer;

«só quem o lôdo esqualido
«despiu na sepultura,
«e alado rei, como aguia,
«sóbe á suprema altura,

«póde acalmar taes ancias.
«Livres em Deus, só nós
«vemos o immenso, o minimo,
«o intimo. Veloz

«um nosso adejo os terminos
«alcança do universo.
«Neste espantoso dédalo,
«todo entre si diverso,

«como num bosque os passaros
«de ramo em ramo vão,
«de sol em sol liberrimos
«giram na amplidão;

«lustrâmos as meriadas
«de seus feudaes planetas;
«o conto, o nome, as indoles
«sabemos dos cométas.

«Em cada, opaco ou lucido
 «mundo, que roda, e vai
 «na imprescriptivel orbita
 «ao nuto de Adonai,

«achâmos (oh! prodigio!)
 «que luz, calôr, grandezas,
 «variam, variando-se,
 «milhões de naturezas;

«mas todas vivas, próvidas
 «formosas de assombrar;
 «todas co'o mesmo anhélito:
 «de sciencia, e de adorar;

«todas em voz unisona
 «enchendo a immensidade
 «co'o psalmo solemnissimo
 «de GLORIA Á DIVINDADE!

«Servo fugido ao carcere,
 «gosa o dominio teu!
 «dá graças á innocencia
 «que em ti resplandeceu;

«e foi, entre os heroicos
 «teus dons fascinadores,
 «como um argenteo lyrio
 «em vaso de mil florés.

«Cingido a Fronte Régia,
 «como eu d'estas cecens,
 «Alma gentil sem mácula,
 «entra aos ignotos bens.»

Disse. — Entre os quatro espiritos
 o triste, alfim ditoso,
 toma o diadema civico,
 toma o de virtuoso,

acceita o de alma ingenua;
 o das saudades.... ai!
 voltou á terra funebre;
 tem-no os Irmãos e o Pai.

II

Solatia victis

Sob o ceo festival, geme e negreja a terra;
a dor que innoita o Paço, a todo o povo aterra;
pende os braços a industria; estão sem voz as leis;
chora o bronze do templo; ulula o da batalha:
é que a vista carnal só vê fria mortalha
onde brilhava ha pouco a purpura dos Reis.

Se ella ousasse do pó subir ao Firmamento,
como ao clarão da fé e á luz do intendimento
em gala a multidão calcára o lucto aos pés!
O feretro do Heroe não vai de nós banil-o;
vai lançar-se á corrente indomita de um Nilo
que do nadante berço extrairá Moysés.

Cobri-o de festões e benções á porfia;
junquem flores e loiro a amargurada via
que desce do aureo throno ao Pantheon Real.
Se o crepe nos insombra, e nos alaga o pranto,
não é por Elle já: nosso mortal quebranto
provém desta viuvez que obumbra Portugal.

Não se deplora o justo em paz adormecido;
a entrada do moimento, onde vai ser descido,
rescende a Paraiso, é portico de luz.
Se alguém diante d'ella ousasse pôr ciprestes,
em loiros os trocara o anjo, que tão prestes
fez radioso tropheo de uma espinhosa cruz.

Por vós só, que inda estais com o infortunio em lucta,
continuae o choro e o dó que vos enlucta,
multidões que lhe heis dado o derradeiro adeus;
cada um no seu lar sente um vasio horrendo,
como quando, alta noite, a morte andou correndo
de poisada em poisada o Egypto á voz de Deus.

Chora o poeta, o sabio, o artifice, o guerreiro,
o religioso, o enfermo, o pobre; um reino inteiro;
cada qual sente murcha uma esperanza em flor;
mas sobre tudo chora a escola, o ninho obscuro,
onde se nutre e impenna a aguia do futuro,
e que a sente morrer faltando-lhe o calor.

Quem, entre tão geral, tão misera orphandade,
 se atreve a mendigar, em nome da saudade,
 um frio monumento, um bronze inerte e vão!
 Temem deslumbre um pai? Que pedra eguala a historia?
 Um colosso caduco é symbolo da gloria?
 Se a pyramide assombra, os Pharaós quem são?

Recuae, refugi, vaidosos monumentos,
 d'ante o serio varão d'austeros pensamentos,
 em quem o bom Trajano amára um grão rival;
 e que ao publico bem pospondo illusões fatuas,
 faria amoedar o oiro de mil estatuas,
 por ver mais uma estrada, abrir mais um canal.

Se é mister um padrão a quem não teme o olvido,
 alçae-lh'o ao menos tal, que em bençãos envolvido,
 lhe attraia lá de cima um paternal sorrir;
 seja um templo de amor: a escóla. No recinto
 se entõe, e no frontão se doire: A PEDRO QUINTO
 O POVO PORTUGUEZ CO'OS OLHOS NO PORVIR.

A. F. DE CASTILHO.

A Sua Magestade El-Rei

O SENHOR DOM LUIZ O SENHOR DOM FERNANDO II

Pois que artista e poeta ao mesmo fogo interno
devem seu resplendor, e Deus os fez irmãos,
ao Rei artista em choro o vate em dó fraterno,
sem ousar consolal-o, oscula, aperta as mãos.

Poisa-lhe mudo ao lado, e junta pranto a pranto;
mas quando vem de longe um eco animador,
dirá: «presta-lhe ouvido! enviam-vos um canto,
lá d'entre o ciprestal, crença, esperança, amor».

A. F. DE CASTILHO.

Quando a vida se apresenta a nós, como um grande livro aberto, e nós a abrimos, encontramos nela um mundo inteiro, um mundo que se revela a nós, e que nós devemos ler e interpretar.

A Sua Magestade El-Rei

O SENHOR DOM FERNANDO II

Senhor meu, a vida é um grande livro, e nós a abrimos, encontramos nela um mundo inteiro, um mundo que se revela a nós, e que nós devemos ler e interpretar.

Pois que artista é poeta no mesmo fogo interior,
deusa seu inspirador, e Deus os dois irmãos,
no fim artista seu choro e vale em do italiano,
sem ouso copiar-lhe, os olhos, queira as mãos.

Pois-lhe imbuído ao labor, e junta grande a grande,
mas quando vem de longe um eco animador,
diz: "Prestes-lhe ouvido! Enxame por um canto,
lá dentro o cipreste, a crua, a esperanza, amor."

A. F. de Castro

A Sua Magestade El-Rei

O SENHOR DOM LUIZ

Se é pezo enorme um sceptro ao braço mais robusto,
que será, quando cai da mão de um Divo Augusto
em dextra fraternal que a dor desfalleceu !
que será, quando vem de fructos avergado,
promessas verdejando, em prantos alagado,
como esse que hoje é vosso e que era ind'hontem seu !

Haveis de o sustentar (bem sei) que a heroicidade
é já madura em vós, quando alvorece a idade ;
haveis de ser Rei grande, apoz um grande Rei.
Mas que exforço e que estudo exige ess'alta empreza !
Quanto é mister vencer a propria natureza,
e antes de impol-a aos mais, saber impôr-se a lei !

Nós, podemos chorar ; nós, póvos, nós, a turba ;
mas a dor que enfraquece, e o animo perturba,
é-vós defeza a voz, bem que orphanado irmão ;
no alteroso baixel, guarnição, equipagem,
passageiros, que menta ! os fados da viagem
cifram-se no vellar do homem do timão.

Responsavel commum no tumido elemento,
velai pois. Võe embora a vista ao Firmamento ;
de lá vos clama esforço um Regio Inspirador.
Esforço ! PEDRO-E-AVANTE, em mais feliz reinado !
Recebeis todo um povo oppresso e consternado ;
trocai-lhe o lucto em gloria, em jubilos a dor.

A. F. DE CASTILHO.

A Sua Magestade El-Rei

O SENHOR DOM LUIZ

Se o povo conhece um sujeito ao ponto mais profundo
que sabe, quando chega ao fim do mundo
em dezoito dias, que a terra se abala
por aqui, quando vem de longe a guerra
promove-se a revolução, em poucas horas
como não que seja a guerra e que era tal ponto era!

Quando de o sustentar não sei que a doutrina
é a mesma em vez, quando a guerra a cidade
pavão de ser tal estado, que um grande rei
Mas que estado e que estado exige essa guerra?
Quanto é mister fazer a guerra a guerra
e nunca de tempo a ser mais, saber tempo a ser!

Não, podemos chorar, mas, povo, não a terra
mas a terra que entendeu, e a terra que
é a terra a ser, tem que ser a terra
no mundo inteiro, e depois
passamos, que muita! os lados da guerra
clama-se no vultro de homem de terra.

Respondaei sempre ao mundo inteiro
vulgo pois, 700 cobras e vira ao mundo
de la, os clama, que um grande rei
Estado! Provo e guerra, em mais tal estado!
Respondei logo ao povo agitado e coberto
trazido e feito em terra, em terras a dar.

A ERMIDA DE CASTROMINO

X



enrique e D. Anna passaram para a sala verde onde se tomava o café nos dias ordinarios, e se recebiam as visitas de maior intimidade. A tia entrou para o interior da casa a promulgar as providencias domesticas que deviam regular o serviço do dia seguinte.

A sala verde chamava-se d'este modo por serem as paredes forradas de seda intrançada verde e branca, e os estofos dos moveis de fazenda egual na disposição das côres, embora differente no desenho. Os reposteiros eram de gosto, semelhante. As cortinas tambem verdes, mas de verão punham-se outras brancas com transeles e cordões verdes.

Nos dois lados em que não havia portas estava um piano e uma harpa, duas obras primas de Erard, o grande restaurador do orgão das Tulherias, e uma pequena bibliotheca, na qual as obras de Milton, de Pope, de Swift, e de Walter Scott em edições inglezas manifestavam

a proveniencia d'aquella limitada collecção a que accrescia uma biblia e alguns livros espirituaes. Dois sophas dos que em França tem o nome de *Chaises Longues*, e que se tivessem sido inventados no Minho se chamariam *Preguiceiras*, quatro poltronas que o estilo culto exige que se chamem cadeiras á Voltaire, outras cadeiras de braços emparelhando com os sophas, duas estantesinhas com objectos artisticos, medalhas, moedas antigas e anneis romanos colhidos nas ruinas de Condeixa a Velha, e caricaturas de porcellana da fabrica da Vista Alegre; e no centro uma mesa de vastas dimensões, de forma oval, e de lavor delicado; completavam a mobilia d'esta sala. Todos os moveis eram de pau preto.

Sobre a jardineira, pois que é de uso geral intitular-se assim, fulgurava um candieiro de bronze á feição de gomil, em cuja superficie absolutamente lisa se enroscava uma serpente desde a base até perto da luz. Cercavam o candieiro varios periodicos nacionaes e estrangeiros e os albuns e livros com estampas que a moda exige em taes logares. Em torno da mesa havia seis cadeiras pequenas, de damasco encarnado, doiradas, com encosto aberto e assento acolchoado e de seda.

Para esta sala vinha ás vezes bordar a filha de Manoel de Oliveira e aqui tambem repoisava do trabalho sentando-se ao piano ou lendo algum livro mais favorecido seu, o qual durante o valimento permanecia por especial distincção sobre uma pequena mesa redonda de riquissimo charão, que um governador de Macau mandára de presente ao velho negociante, e que este offerecêra logo a D. Anna. Gosava então d'esta prerogativa o Camões de Garrett, que nesse mesmo anno se publicára no tomo 1.º das obras do grande poeta.

A tia de vez em quando aproximava-se da mesa para ver se o valido era sempre o mesmo, ou se já tinha sido substituido, e nunca lhe esquecia dizer: «Estas meninas de agora não ha livro que as satisfaça. Um acabado, outro. Eu leio ha tantos annos *A Mocidade Enganada* e *Desenganada*, e sempre ali acho coisas novas.» Com effeito este enorme cartapacio era o livro estimado da tia de D. Anna, ao qual só uma vez, uma unica vez fôra infiel para ler quasi ás escondidas e a pedido da cunhada, a traducção das *Viagens de Guliver*, que lhe pareceu obra mentirosa, e insipida em comparação da outra, e sempre lhe ficaram seus laivos de remorso por ter faltado á fé quasi conjugal que jurára ao seu livro querido.

Henrique de Mello apenas entrou na sala foi direito á jardineira e começou a ler uma apoz outra a gazetilha dos jornaes, mas de pé e com manifestos signaes de curiosidade interessada. Queria ver se fallavam da quebra de Smith e Davis, que em Lisboa e no Porto devia ter causado abalo, por ser casa que tinha com as duas praças com-

merciaes relações importantes. D. Anna dirigiu-se para o lado do piano porém attentando no que Henrique estava fazendo e suspeitando talvez a causa do exame minucioso dos periodicos, veiu de mansinho até perto da mesa, poz as duas mãos reunidas sobre o hombro esquerdo do futuro esposo, e procurando descobrir-lhe no perfil a verdade ácerca do que ella entrevia, disse com voz carinhosissima :

— Meu amigo, meu caro Henrique, Diga-me a verdade.

— Mas que verdade quer que eu lhe diga? Eu nunca a enganei.

— Bem sei, meu Henrique. Calar não é mentir, mas eu quero que falle. A doença de meu pae póde ser natural, mas a sua alegria á mesa e a vangloria desusada com que esteve apregoando as nossas riquezas é que o não são, e essa curiosidade de ler os jornaes em lugar de ir comigo para o pianno, ainda menos. Diga-me tudo, Henrique. Vivo menos assustada conhecendo o mal do que suspeitando-o. Não queira soffrer só, concluiu D. Anna apertando amorosamente o hombro de Henrique entre os seus mimosos braços. A parte de afflicção que tocar a cada um de nós, será mais um laço entre as nossas duas almas.

Henrique deixou caír da mão os jornaes, cingiu com o braço esquerdo o airoso corpo de D. Anna, e apertou-a ao coração com ternura e commoção que lhe embargavam a falla. Ella recostou a cabeça sobre o hombro de Henrique cujos labios imprimiram na fronte da assustada donzella o primeiro beijo de amor.

— Annica, disse Henrique ainda com voz convulsa, na prosperidade e na desventura eu hei de estar sempre contigo. O bem ha de ser de nós ambos. O mal igualmente.

D. Anna encostada ao noivo cobria com a mão esquerda o rosto, e soluçava debulhada em pranto. Não era vergonha da intimidade repentina a que o soffrimento commum arrojára os dois amantes. O beijo de Henrique fôra o annel nupcial que ella acceitava gostosamente e de que não se envergonhava. D. Anna chorava a desventura paterna que ainda não conhecia bem, mas de que a resposta de Henrique lhe confirmára as supeitas.

Voltára-se o mancebo para ella tendo-a sempre nos braços, e pedindo-lhe que se não inquietasse; que o ouvisse porque tudo lhe contraria. D. Anna fez um esforço para vencer a dôr que a subjugára, passou os braços á volta do pescoço de Henrique, beijou-o castamente na face, limpou as lagrimas, sentou-se em uma das cadeiras doiradas junto da jardineira, e pediu-lhe que fizesse outro tanto.

— Eu já não quero saber coisa alguma, disse D. Anna encostando-se melancolicamente á mesa. Sou tua mulher deante de Deus. Meu pae é tambem teu pae. Tu és o nosso defensor. Estou satisfeita e não me assusto.

— Essas palavras, Annica, são angelicas. Carecia d'ellas para me

confortar. Mas porque tu és metade da minha alma, é mister que não ignores o que se passa dentro d'ella, respondeu Henrique tomando a mão de D. Anna. O teu parente Davis e o seu socio Smith quebraram.

— Eu já o sabia. Minha prima Izabel escreveu-me de Londres a annunciar-me essa desgraça, e o resto li eu na tua physionomia.

— Ainda bem que leste. Ficava mal comigo mesmo, se o meu rosto se atrevesse a mentir-te. Porém o caso não é perigoso. A honra de teu pae está salva. O mais depende de trabalho.

— Bem vêes que não estou assustada desde que te ouvi fallar, mas não queria que meu pae padecesse sem eu saber a causa. As tribulações d'elle são as minhas... as nossas, queria eu dizer.

— É verdade que são tão minhas como tuas, mas é necessario fingir que as ignoras. A sua maior amargura seria imaginar que tu conheces as difficeis circumstancias em que a casa se vae achar.

— Ignorarei tudo e não poderei consolal-o! Pobre pae! Tão honrado, tão bom para todos, e agora infeliz por culpa dos outros! E que não possa eu ajudal-o em coisa alguma! Ha desgraça maior? Eu sou absolutamente inutil! De que servem os dotes com que enriqueceram a minha educação, se nenhum d'elles pôde prestar a quem tanto se esmerou em que eu os possuísse todos? A filha de um negociante devia ser iniciada nos segredos da profissão commercial. Perdoa-me, Henrique, mas nesta occasião invejo-te o talento que meu pae tanto encarece.

— Não me invejes este triste ensejo de trabalhar emproveito de nós todos. É a maneira mais digna de merecer o teu amor. Possa eu levar ao cabo os meus intentos.

— Então meu pobre pae fica inteiramente arruinado? Aquelles homens de Londres deviam-lhe muito? Não é verdade?

— Muito. [E já tinha] havido outra quebra em Hamburgo que tambem nos prejudicára.

— Que desventura! E as despezas extraordinarias que meu pae tem feito desde que eu vim de Pereira... Sempre me aborreceu este luxo.

— Não foram as despezas, nem o luxo. Isso tudo era insignificante para a fortuna de teu pae. Foram casos imprevistos. D'elles nasce muitas vezes a fortuna. A decadencia tambem. O nome do sr. Manoel de Oliveira sahirá dos contratempes commerciaes da sua casa sem macula. Isso é o principal, porque ahi está a base do trabalho futuro e da renovação da riqueza.

Henrique, respondeu D. Anna apertando nas suas as mãos do mancebo, eu nunca podia duvidar da honra de meu pae, mas gosto de te ouvir fallar assim. Se meu pae tivesse chegado a infringir os seus deveres, morreriamos ambos; elle de vergonha, e eu de desesperação de

o não poder consolar ! Agora aconteça o que acontecer. Eu confio em Deus, espero em ti, e sei que posso fazer todos os sacrificios que forem necessarios para diminuir os pezares de meu pae.

A tia e o criado que a seguia com o café cortaram esta conversação. Outro criado annunciou que o sr. Alvaro de Araujo estava na sala das visitas. D. Anna fez um gesto de repugnancia porque a visita d'este tagarella vinha interromper as cogitações em que ella desejava engolfar-se. A tia propunha que o não recebessem sob o pretexto da molestia de Manoel de Oliveira, mas Henrique olhou para D. Anna de modo significativo, e ella disse ao criado que mandasse entrar o tal crioulo.

— Muito boas noites, minhas senhoras, disse Alvaro de Araujo nas notas mais agudas da sua voz de sovelão. Ouvi contar que o sr. Manoel de Oliveira estava doente, e vim logo saber se é coisa de cuidado. A mana Christina manda mil lembranças a V. Ex.^{as} e sente muito os seus desgostos. Ella é tão amiga da sr.^a D. Anna !

— Muito agradecida, sr. Alvaro, ao seu cuidado e de sua irmã. A doença de meu pae não nos inquieta. É a sua enxaqueca do costume.

Antes assim, minha senhora. Adeus, sr. Henrique de Mello. Está lá para o canto. Não o vi quando entrei.

— Eu estava a observar se não dava pela minha presença, respondeu Henrique, aproximando-se de Alvaro de Araujo com ar pranteiro. Estes janotas, continuou, voltando-se para a tia, em vendo senhoras, não olham para mais ninguém.

— É que eu confesso que vinha atrapalhado. Tinha ouvido dizer tantas coisas que realmente não sabia de mim. Agora é que vejo pelo socego em que os encontro que tudo é mentira. Coimbra é assim. É a terra das patranhas.

— Então que ouviu dizer, sr. Alvaro, perguntou a tia que estava cem leguas distante das intenções perfidas d'este saltimbanco.

— Uma corja de tolices, minha senhora. É que na verdade causa riso ! Pois não andam desde esta manhã a dizer que o sr. Manoel de Oliveira estava para quebrar, que ficava muita gente perdida com isso, que só á Misericordia se lhe iam pela agua abaixo mais de 150 contos que estavam para o hospital, e que por isso adoecera de paixão o sr. Oliveira. Vejam que terra esta, minhas senhoras !

— Santo Deus ! Que pouca vergonha ! Exclamou a tia olhando para Henrique e para a sobrinha.

— Não fazem V. Ex.^{as} idéa do que vae pela cidade a esse respeito ! E os mais amigos são os peores. Um grita : *Eu bem o dizia*. Outro : *Pois estava visto*. Emfim são desapiedados. Eu cá disse á mana Christina que os amigos só se conheciam nas occasiões, e que na duvida vinha

imediatamente offerecer-me para quanto fôr serviço d'esta casa. Agora quando passava ali perto do jardim saltaram-me uns curiosos a quererem saber para onde vinha e a sustentarem que a quebra era infalível, que os grandes capitalistas acabavam sempre assim, que o luxo d'elles era o dinheiro dos pobres que roubavam, e outros desaforos semelhantes.

— E então V. Ex.^a que lhes respondeu? Exclamou a tia enfurecida.

— Eu... eu respondi-lhes que eram uns parvos e que se mettessem com a sua vida. Que se os negocios do Sr. Oliveira corressem mal, já se teria começado a saber ha muito. Basta ver esta casa, e a despeza que se faz nella para a gente se convencer de que a riqueza do Sr. Manoel de Oliveira é solida.

— Olhe, Sr. Alvaro de Araujo, disse D. Anna que até ali não proferira palavra, eu de negocios de commercio não entendo, mas o que lhe posso asseverar é que o papá está com enxaqueca, e que não é coisa de cuidado. Tambem lhe posso mandar dar uma chavena de café, se o quer tomar comnosco. Quanto ao mais são negocios do escriptorio, e nesses tanto eu como minha tia, somos de uma ignorancia...

— Mas eu, interrompeu Henrique, é que poderia affirmar que os pagamentos do Sr. Oliveira não deixarão de ser pontuaes por causa das quebras, porém não vale a pena. Sabe que conheço os negocios da casa.

— Pois não sei! A palavra do Sr. Henrique de Mello para mim é um evangelho. E para todos. É a flor da nobreza, da sciencia e até do commercio para mostrar que para tudo presta. Pois bom é que seja assim. Eu sou amigo verdadeiro senão não estava agora aqui. O que eu não sei é como se espalham estas petas e com que fim.

— Com o fim de prejudicar os homens sizudos e honrados, como é o Sr. Manoel de Oliveira, replicou Henrique com seriedade.

— Pois é isso. A mana Christina dizia-me que sem saber se era verdade, não tornasse mais a fallar na venda da nossa quinta do Seixadello, mas eu respondi-lhe que por isso mesmo é que havia de lembrar que a compra desmentiria todos os boatos.

— E diz bem, retrucou Henrique. A differença em que estava com o Sr. Oliveira era de um conto de réis, porém elle não olha a isso. Sempre a quer vender?

— Se isso lhes faz conta... Bem sabe que a minha casa é toda para baixo de Coimbra. O Seixadello fica fóra de mão lá para a Bairrada. Não duvido desfazer-me d'essa propriedade pelo seu justo valor.

— Pois está comprada. Na segunda feira póde receber arrhas e passar o escripto da siza. Se houver tempo de lavar a escriptura, receberá nesse mesmo dia o dinheiro todo.

— A mim talvez me fizesse mais conta receber o preço em Lisboa ou no Porto, acudiu velhacamente o Sr. Alvaro de Araujo.

— Onde quizer, respondeu Henrique. A casa tem credito aberto nas principaes praças, e onde o não ha aberto, abre-se.

— Grande casa! Eu sempre o disse á mana Christina e a toda a gente.

Os olhos de D. Anna recompensaram Henrique dos trabalhos e combates de que esta criança insolente viera tomar a iniciativa. A tia regosijava-se de ver desmentida a calumnia com a compra do Seixadello, e Alvaro de Araujo dizia comsigo mesmo que os boatos espalhados na cidade o tinham ajudado a vender bem a sua propriedade, e que celebrado o contracto e passados os quarenta dias do codigo, podia o Sr. Oliveira quebrar como quizesse, que havia de ser a coisa que menos o incommodasse.

Ha gente que toma a humanidade por um insecto, uma flor, ou qualquer outro ente animal ou vegetal, sugeita-a a um processo chimico, nelle lhe extrae o oleo essencial e depois deita fóra o resto por inutil. Assim m'ó explicou um nosso compatriota que professava com vantagem a applicação d'esta theoria, e tal qual m'a ensinou, a revelo aqui aos leitores. Alvaro de Araujo pertencia a essa escola. Extrahido o oleo essencial que era a compra da quinta, o resto *á la grace de Dieu*, como dizem os francezes.

— Agora, accrescentou elle levantando-se da cadeira, peço licença para me retirar. A mana Christina queria vir comigo, mas tinhamos visitas, e ha de estar lá em casa com cuidado. Quero ir socegal-a. É a melhor amiga da Sr.^a D. Anna.

— Então depois de amanhã lá o espero no escriptorio da uma para as duas horas, ajuntou Henrique correspondendo ás despedidas do rapaz.

— Pois seriamente sempre compram o Seixadello assim de repente? Eu cuidei...

— E porque não? interrompeu a tia despeitada. Meu irmão ainda póde comprar uma quinta sem se prevenir quinze dias antes.

— Não digo menos d'isso, minha senhora, atalhou Alvaro de Araujo com um sorriso de ironia e já caminhando para a porta. Eu nunca duvidei, e agora ainda menos.

Outras visitas mais sinceras e menos curiosas, assim como os parceiros do whisth de Manoel de Oliveira cruzaram-se na escada com o joven irmão de D. Christina, porém Alvaro de Araujo apenas lhes deu as boas noites com voz distrahida. Tão absorto levava o pensamento nas vantagens da venda do Seixadello, e na habilidade com que por entre as ruinas da fortuna de Manoel de Oliveira soubera trazer a agua ao seu moinho, como se diz vulgarmente!

(Continúa).

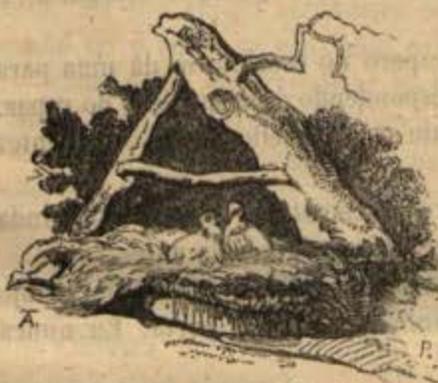
A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

BIBLIOGRAPHIA

Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII

Por L. A. Rebello da Silva

TOMO I



s recordações da patria são como as memorias de familia; tem o quer que é saudoso e santo, que occupa suavemente as largas horas da solidão, que attenua muitas dores do espirito, que povôa a alma de mais entes para amarmos, e que engrandece e vigora o sentimento da nacionalidade, suscitando, com as virtudes e façanhas de nossos antepassados, o altivo e nobre desejo de imital-os. Às vezes, porém, esse fallar de avós comprime-nos

de amargura o coração, quando nos commemora certas épocas, em que a patria, ludibriada e opprimida, viu desfazerem-se uma a uma todas as suas grandezas; épocas tanto mais desastrosas, quanto a degeneração e ruina, que assignalam, contrasta com a energia e gloria de outros tempos. A historia portugueza, aliás tão formosa e invejada, não está isempta d'essas paginas de lucto; e uma d'ellas, e por certo a mais triste, é a que lembra os reinados immediatamente anteriores á dominação castelhana, espaço de poucos annos que bastou ás glorias de Portugal para descerem do apogeu ao occaso.

O reinado de D. Sebastião é notavel por um factõ unico, a derrota de Alcacerquibir. O projecto de sujeitar as terras da Berberia, berço de nossas conquistas de além-mar, não era tão louco como a desgraça o fez parecer, e devia encontrar favor na vontade nacional, porque assentava nas tradições e rancores de uma guerra de seculos, e na conveniencia incontrastavel de se alargar o territorio portuguez pelas fronteiras costas africanas. O paiz, porém, sentia-se cansado e pobre para tão audaz tentativa, e, ainda que assim não fosse, invalidavam-lhe as probabilidades de victoria, por um lado a cega vaidade do monarcha, por outro a tenebrosa politica de D. Philippe II, cuja desregrada cobiça contava por alliadas uma astucia e actividade inexcediveis.

Em tal estado de cousas, esmorecidas as grandes virtudes guerreiras da idade media, era necessario que o monarcha, antes de se aventurar longe da patria á sorte das batalhas, aguardasse que a febre da discordia consumisse politica e moralmente as forças dos sarracenos; mas até n'isso foram mallogrados todos os bons planos de fortuna, porque o imperio de Marrocos, apesar das luctas intestinas, e das perturbações e males causados pelas oppostas parcialidades, não decaíra a tal ponto, que não podesse resistir com vantagem a uma invasão estrangeira. Muley-Moluk, homem de extraordinarios talentos militares e politicos, e de uma coragem a que a escola do infortunio associava a prudencia, tinha derrubado do throno seu sobrinho Muley-Hamet, que, baldadas todas as tentativas para recuperar o poder, implorára por fim o soccorro dos portuguezes. Essa alliança, porém, convertera uma contenda domestica n'uma lucta de religião e de liberdade, guerra santa que dava aos soldados africanos a força que resulta sempre do fanatismo religioso, e do amor da independencia, natural em todos os povos; e Muley-Moluk fizera-se depressa estimado do geral dos musulmanos, não tanto pela firmeza com que restabelecera a ordem e administração do estado, como pela repugnancia, que, segundo é facil de suppor, excitára nas multidões a ligã do rei desthronado e dos seus mais zelosos parciaes com um povo irreconciliavelmente inimigo por antagonismo de crenças e de raças.

Eram 4 de agosto de 1588 quando o moço rei portuguez, desprezando o voto cauteloso dos principaes capitães, determinou romper a peleja contra o poderoso exercito dos mouros. Ao principio conseguiram os nossos manifesta superioridade; a cavallaria d'el-rei e o terço de aventureiros romperam e desbarataram, logo do primeiro impeto, a vanguarda dos adversarios, que, incapazes de sustentar o violento embate e de resistir frente a frente, se dispersaram, fugindo, pela extensão da planicie; Muley-Moluk, que com heroico esforço buscára reanimar os seus, caíra moribundo nos braços dos alcaides; e finalmente os clamores de alegria com que os christãos se arremessavam á refre-

ga, como se o dar e receber a morte fosse o prazer de um torneio, diffundiam o temor no centro dos infieis, que mal obstaríam á furia da torrente, se o grosso do nosso exercito, aproveitando o ensejo, se empenhasse com igual denodo n'aquelle repto tremendo. Mas em vez d'isso uma voz de desalento, produzindo nos cavalleiros e peões um d'aquelles terrores panicos de que não faltam exemplos entre os melhores soldados, mudou n'um instante o aspecto da batalha. Os arabes, percebendo a desordem no arrayal contrario e cobrando novos brios com o soccorro das tropas de reserva, voltaram a disputar a victoria, que quasi haviam cedido sem combate, e em breve o sangue europeu regou abundantemente os aridos campos de Alcacer. Então, quando as fileiras dos velhos soldados de Castella, da Italia e da Alemanha já debalde tentavam ordenar-se, e era grande a confusão e o susto nos terços dos portuguezes, precipitaram-se sobre o nosso exercito as ondas dos cavalleiros mahometanos, e apoz elles a turba dos alarves, que do alto dos visinhos montes observavam o desenlace da peleja, para caírem, como aves carniceiras, sobre o resto dos vencidos. Desde esse momento os signaes de derrota tornaram-se dolorosamente certos para os nossos, que todavia ainda combateram só com o fito na desesperada empreza de soccorrerem o monarcha, facilitando-lhe os meios de retirar-se a salvo.

D. Sebastião, porém, nascera com animo altivo e coração generoso. Os mimos com que fôra tratado desde o berço; a educação acanhada que recebera na adolescencia; as maximas de castidade que o privaram dos affectos puros e sanctos de familia, affectos que suavizam os caracteres mais duros; as suggestões dos validos, que, despertando-lhe pensamentos ambiciosos, lhe devoraram o socego, a reflexão e a mocidade; e ao mesmo tempo, como é certo, as intrigas e mesquinhos enredos da côrte, haviam excitado as más paixões, que fermentaram terrivelmente no seu coração de mancebo, mas não tinham de todo pervertido os nobres sentimentos da sua alma. Vendo a batalha perdida não quiz sobreviver aos seus, e, arrojando-se como um leão onde quer que o combate era mais acezo, recusou sempre com altivez o entregar-se ou fugir. A final caíu ou desappareceu no meio da multidão, e com a sua falta expirou o vigor nos peitos mais esforçados. O resto foi uma larga carnificina com que os mouros, senhores do campo, saudaram a victoria, humilhando a intrepidez e a constancia dos cavalleiros e homens de armas portuguezes.

Chegada a Lisboa a noticia do tragico desfecho da jornada de África e duvidosos os animos sobre o destino do monarcha, foi entregue o governo do reino ao cardeal D. Henrique, velho insensato e timido, tão sequioso como incapaz do poder; e Portugal caíu então sem amparo na mais afflictiva phase da sua longa existencia. As virtudes mi-

litares e politicas de nossos maiores, e sobre tudo as antigas leis do paiz, em harmonia com as suas necessidades e indole haviam-nos até esse tempo conservado livres do jugo de Castella, cuja tenaz ambição nunca deixára de olhar para esta pequena faixa de terra, como para uma provincia rebellada; mas o estabelecimento do regimen absoluto sobre as ruinas da monarchia liberal da idade media; o espirito de intolerancia religiosa, que, perseguindo e expulsando os judeos, aniquilou um dos principaes elementos da prosperidade publica; a cobiça do ouro, que fez abandonar a agricultura, a população e a industria do solo natal pelo engôdo dos descobrimentos e conquistas; os desacertos economicos e administrativos do governo da metropolè e dos seus delegados na Azia, na Africa e na America; e por fim a ultima catastrophe nos campos de Alcacer quibir tinham produzido a irremediavel e estrema decadencia, que nos obrigou a curvar o collo ao despotismo estranho.

Durante o curto reinado do cardeal D. Henrique os animos estiveram sempre alvoroçados com os receios, cada vez maiores, ácerca da successão. O prior do Crato, o duque de Bragança e D. Philippe II, eram os pertensores que contavam maior numero de probabilidades, mas nenhum dos dous portuguezes possuia as forças necessarias para tomar sobre os hombros a empreza de D. João I, em quanto que o rei de Hespanha, dotado de um character energico e de uma perfidia sem limites, tinha todo o poderio de vastissimos dominios para combater e debellar as resistencias que encontrasse. Essas não foram longas nem obstinadas. O velho cardeal rei, pouco favoravel no principio a D. Philippe II, dentro em pouco mudou de resolução, compelido não menos por apprehensões covardes, do que pela cobiça e pelo odio, que foram as paixões permanentes dos largos annos da sua vida. A principal aristocracia antepondo os calculos interesseiros ao nome illustre de seus avós e á propria dignidade, não duvidou pactuar com os procuradores de Castella, que, á força de ouro e promessas, arrastaram a nacionalidade portugueza ao mercado das traições infames, dos enredos miseraveis, das torpes vinganças, das abjecções ignavas. O povo, dilacerado pela fome, pela peste e pelos desastres da guerra, não podia senão murmurar, porque os seus soldados, os seus capitães, os seus jurisconsultos, os seus magistrados, os seus bispos, os seus principes, tudo quanto no paiz havia de nobre e rico por illustração e por linhagem—ou tinha já desertado para o partido estrangeiro ou se conservava indeciso não obstante os riscos da patria. Finalmente a persuasão commum de que a paz individual e domestica só poderia conseguir-se com o sacrificio completo da independencia politica tirava ás almas mais robustas aquella firmeza de vontade, que não mede os obstaculos e para a qual não ha impos-

siveis. Debalde nas cortes, que se reuniram primeiro em Lisboa e depois em Almeirim, cortes que já eram apenas um pallido reflexo de representação nacional, alguns homens intrepidos e probos protestaram eloquentemente contra a imbecilidade e corrupção dos poderes publicos; debalde a plebe, que é a ultima a esquecer o afferro á terra da patria, dava visiveis signaes de supportar de mau grado a ruina que lhe preparavam: a força moral da nação tinha desaparecido, e a força material, que aliás é sempre illusoria quando falta a unidade do pensamento e o ardor do enthusiasmo (¹), havia-se dissipado pouco a pouco na extensão desmedida das conquistas até acabar de todo nas planicies d'Africa.

Assim, apenas fallecido D. Henrique (31 de Janeiro de 1580), os governadores do reino, nomeados anteriormente, acceitaram D. Philippe II para rei de Portugal, e este monarcha odioso, denominado o demonio do Meio Dia n'uma epocha em que os progressos da civilização ainda não tinham diffundido a brandura do tracto entre os homens, conseguiu tomar posse do seu novo reino, tendo só que vencer a fraca opposição de parte da plebe, e d'esses raros cavalleiros, que, no meio de gente gasta e pervertida, conservaram sempre os nobres sentimentos de integridade e patriotismo.

Eis em resumo os dolorosos successos dos fins do seculo XVI, que incorporaram Portugal na vasta sociedade hespanhola, e que são um testemunho indestructivel de que o predominio da monarchia absoluta só pôde trazer aos povos a corrupção e a miseria. O sr. Rebello da Silva fez pois um valioso serviço ao paiz e á liberdade, descrevendo largamente essa epocha deploravel. Se no estudo dos primeiros seculos da nação portugueza podemos aproveitar os grandes exemplos de lealdade e energia de que era rica a idade media, o spectaculo da rapida decadencia da nossa fortuna e renome ainda nos pôde ser mais proveitoso, porque nos mostra as funestas consequencias da immoralidade nos actos do poder, tolerada covardemente pela indifferença popular. «A historia da segunda metade do seculo XVI, diz o sr. Herculano, pôde fazer ante as gerações presentes o papel do ilota embriagado, que os lacedemonios expunham aos olhos dos mancebos nas horas da refeição, para pelo tedio e desprezo os premunirem contra o vicio da embriaguez.»

Todavia o historiador, que quizer produzir com o seu livro esses resultados importantes, não ha de restringir-se a rectificar chronologias e descendencias, e a descrever cercos e batalhas; mas deve, digamos assim, levantar do sepulchro do passado as gerações extinctas, impri-

(¹) São memoraveis, por insuspeitas, as seguintes palavras de Napoleão, Fontanes! *ce que j'admire le plus dans le monde, c'est l'impuissanse de la force.*

mindolhes as côres, as feições, o movimento e a vida do seu primitivo ser. Esse trabalho de completar a interpretação dos factos politicos com a pintura das instituições e dos costumes, trabalho para que não bastam perseverança e talento, mas que demanda além disso graves e profundos estudos, não o tiveram por certo os nossos antigos escriptores, dos quaes, se exceptuarmos Fr. Antonio Brandão e em parte os annalistas da Azia, nenhum, nem por instincto, adivinhou o verdadeiro methodo de escrever a historia. Por isso de tantos volumes, que nos legaram esses escriptores, não ha um só adequado ás condições hoje indispensaveis a este genero de estudos; e tal é o principal motivo porque a obra, cuja publicação annunciámos, deve obter sinceros applausos dos homens intelligentes, que, não reputando a historia um mero passatempo, desejam encontrar nos seus tractados alguma cousa mais seria e fructifera do que a simples relação, falsa por incompleta, dos costumes e manhas e claros feitos das diversas dynnastias de imperantes, e de uma ou outra serie de varões insignes. Este merito, contudo, não é o unico do livro. Ha n'elle tambem uma critica perspicaz no exame e apreciação dos factos; a firmeza do juizo nas conjecturas e deducções; o constante empenho de se precaver contra toda a especie de preconceito partidario; e uma linguagem fluente, e ao mesmo tempo esmerada e pura, que convidaria a ler a obra, se não fosse de sobra o seu assumpto para despertar o interesse.

É claro que, tendo o author de escrever sobre um dos periodos mais difficultos e escuros da historia patria, fôra impossivel seguir sempre a melhor ordem no decurso da narrativa e deixar de tocar de leve em alguns pontos importantes. Impossivel era tambem, no meio da precipitação com que o livro parece ter sido feito, não incorrer ás vezes em ponderações talvez menos justas, e ainda em desigualdades de estylo que se tornam tanto mais notaveis, quanto o author não ignora os mais preciosos segredos da locução elegante. Esses defeitos, porém, taes quaes se nos figuraram, podem sem custo corrigir-se nas seguintes edicções e são já deveras resgatados pelo valor real da obra. Damos pois sinceros parabens ao sr. RebeHo da Silva, e se as nossas rogativas tivessem algum valor, pedir-lhe-iamos com instancia a continuação do seu trabalho, para vermos a triste historia da usurpação dos trez Filippes, duro captiveiro de sessenta annos, de que a final nos livrámos, reconquistando n'um dia a antiga independencia politica, senão os foros de liberdade e o poderio de outras eras.

I. F. SILVEIRA DA MOTTA.

CORRESPONDENCIA DO BRAZIL

Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1861.



nenhum paiz tem sido tão mal apreci-ado, ao longe, como o Brazil.

Uns o julgam uma mina abundan-tissima, e de facilissima exploração para todos, sendo essa illusão a que arrasta a estas plagas milhares de individuos que, pequenos por na-tureza no acanhado espaço em que nasceram, se perdem irremediavel-mente, collocados pelo destino no meio de uma extensão que não co-nhecem, sem a guia da intelligen-cia propria, sem o recurso de au-xilio estranho.

Outros o suppõem um campo es-teril, onde a arvore da civilisação

não póde produzir, exausto de talentos, baldos de todos os incentivos para o desenvolvimento de idéas grandiosas.

Enganam-se todos; e crer que se enganam é ser, talvez, demasiado com-placente para com alguns viajantes estrangeiros que ultimamente teem es-crito a respeito d'este imperio, especialmente em França.

Vasto, productivo e abundante de riquezas naturaes, o terreno brasileiro offerece largos recursos a todo aquelle que, incansavel e intelligente, se vo-ta com assiduidade ao trabalho, supplantando com vigor todas as difficulda-des que se oppõem nos seus designios, separando-se por alguns annos de tudo quanto possa distrahir-o da profissão a que se dedicára.

Grande, magestoso e riquissimo de inspirações, o Brazil auxilia poderosa-mente a elevação do talento que, desabrochando sob os raios de um sol creador e vivificante, subiria de certo a incommensuravel altura, se estra-nhos incidentes lhe não impedissem o vôo, sepultando-o muitas vezes no fundo abysmo da indolencia!

O estrangeirismo, porém, exercendo aqui o dominio que tem exercido em Portugal, concorre tambem, e muito, para sustentar a lamentavel apathia em que se tem conservado a litteratura e as artes. A imprensa diaria, para occupar o espaço que lhe sobeja das publicações rendosas, prefere as traducções de romances francezes, lidos com avidéz pelos apreciadores do genero, porque o seu gosto, assim creado, se satisfaz plenamente com essa variada leitura, sem dar-lhes tempo a pensarem na vantagem que resultaria da extracção de escriptos puramente nacionaes.

Os archivos dos theatros, repletos de dramas traduzidos, bem, alguns, mal, outros, e pessimamente muitos, fornecem vastissimo pasto para a manutenção das empresas que attendendo ás conveniencias do momento, nem se esforçam para obterem composições originaes, nem animam os authores, proporcionando-lhes o interesse e a gloria, simultaneamente, porque nem todos se contentam com um só d'esses resultados, que tão poucas vezes se alliam.

O povo deixa-se embalar pela fascinação de um nome estrangeiro, e mesmo aquelles que reconhecem a superioridade de uma composição escripta originalmente na lingua propria, e lamentam a preferencia dada ás traducções, vão, levados por um instincto inexplicavel, applaudil-as com enthusiasmo, prolongando-lhes a existencia sobre o palco!

Não está, porém, longe a época em que o Brazil ha de libertar-se d'esse jugo, conquistando, pelas artes e pelas lettras, o honroso logar que lhe compete.

Antonio Carlos Gomes, de quem já fallei ligeiramente, n'este jornal, estreado o seu vigoroso talento em um genero tão pouco cultivado entre nós, veio dissipar o preconceito, tão profundamente arreigado, de que na lista dos celebres compositores, de musica não pôde entrar um nome, cuja pronunciação se não affaste, pela origem, da vulgaridade dos nossos.

A sua primeira opera — A NOITE DO CASTELLO — é um verdadeiro prodigio!

O joven compositor tem sido entusiasticamente applaudido, e na noite do seu beneficio, em 23 de setembro ultimo, além de outros brindes, recebeu duas provas de consideração muito significativas, sendo uma *batuta*, offerecida pela companhia e orchestra da Opera Nacional, e uma bellissima corôa de ouro, figurandó folhas de loureiro, com as competentes bagas, e com a inscripção — *A Sociedade Musical Campesina, a Antonio Carlos Gomes, em 23 de setembro de 1861* — dedicada por esta benemerita sociedade, de que hei de occupar-me opportunamente.

O sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva acaba de publicar um precioso livro, sob o titulo — *Cantos Epicos* — e dedicado a S. M. o Imperador do Brazil.

Contém esta bella collecção os seguintes cantos:

A *cabeça do Martyr* — referindo-se a Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o *Tira-dentes*, um dos principaes chefes da conspiração de Minas, que foi executado no Rio de Janeiro em 21 de janeiro de 1792.

A *corôa de fogo* — alludindo ao infeliz poeta Antonio José da Silva, cujo fim nos faz recordar com horror da fatal época da inquisição.

Ypiranga — canto consagrado á independéncia do Brazil, cujo primeiro brado soou no logar d'esse nome, em 7 de setembro de 1822, dia de gratas recordações para todos os brasileiros.

A *festa do cruzeiro* — é, como diz o sr. conego Fernandes Pinheiro, «um lindissimo episodio, artisticamente ennastrado na grinalda da independéncia.» Refere-se a essa festa annual, creada em 1822, e marcada para o 1.º de dezembro, sendo depois celebrada sempre n'esse dia, anniversario da coroação de D. Pedro I.

A *visão do Proscripto* — é uma homenagem a Napoleão, sendo este, dos — Cantos Epicos — o unico que não é nacional.

Os Guararapes — é um tributo á memoria de Henrique Dias, Camarão, Vidal, Vieira e outros, cujas façanhas os immortalisaram, especialmente nas duas mais decisivas batalhas contra os hollandezes, dadas nos montes d'esse nome em 19 de abril de 1648 e 19 de fevereiro de 1649.

Em todos os seis cantos ha riqueza de imaginação, propriedade de imagens e elevação de estylo. A imprensa foi justa, felicitando o sr. Joaquim Norberto pela sua publicação.

Acaba de representar-se no Gymnasio Dramatico — A *historia de uma moça rica* — drama original do dr. Pinheiro Guimarães.

É a estreia dramatica do author, e o prelude de um futuro brilhante. O publico recebeu esta primeira producção com indisivel enthusiasmo applaudindo as scenas mais salientes e chamando repetidas vezes o dramaturgo.

Eu quizera sempre em meu favor a decisão d'esse tribunal, embora se diga que o povo é muitas vezes injusto. Se assim acontece algumas vezes, tambem é certo que os dramas altamente elogiados pelos criticos, que os vêem por outro prisma, nunca deixam de attrahir a concorréncia ao theatro, nem de conquistar os applausos da platéa. O povo, n'esses casos, é guiado por um instincto que o não illude, e é por isso que elle recebe friamente as producções bastardas e insipidas traducções, sem que alguém o previna a tal respeito.

A imprensa, sendo unanime no louvor sobre o desenvolvimento do drama, tem divergido a respeito do fundo. A *historia de uma moça rica*, como *Maria Delorme*, *a Dama das Camélias* e *as Mulheres de Marmore* é a cópia fiel de scenas intimas que todos temos presenciado, e em que a ambição supplantando os mais puros e nobres sentimentos, apparece desenfreada, calcando a moral, atropellando todas as leis divinas e humanas.

É uma filha sacrificada obrigada a ligar-se por laços indissolveis a um homem que não pôde amar; ultrajada em seguida por esse homem, perdida depois e rehabilitada no fim. É na rehabilitação que alguns criticos encontram a inconveniencia, suppondo que, depois de ter-se apresentado em scena, á luz da verdade, o quadro da perdição, horroroso para as almas puras, é perigoso mostrar-lhes a possibilidade da redempção da infeliz que, por circumstancias poderosas, fôra arrastada ao precipicio!

No emtanto é certo que muitas d'essas desgraçadas mulheres, que uma indole excepcional sustenta por muito tempo sobre o seu throno de virtude, resistindo ás tentações mais funestas, são despenhadas, mais tarde, por acontecimentos que se succedem, sem que a alma se perverta, sem que se

habituem ao vicio, de que se affastam no momento em que encontram uma taboa de salvação. Ha d'isto muitos exemplos.

De qualquer modo que seja encarado o drama, é inquestionavel o seu merito.

O dialogo, sempre fluente e natural, é algumas vezes magnifico e sustentando vigorosamente os principios da mais rigida moral, louvando a virtude com ardor, combatendo com vehemencia o erro. As scenas são bem traçadas, e cheias de lances verdadeiramente dramaticos.

No dia 23 do mez passado chegou a esta cidade a companhia da Opera Comica Franceza.

O pessoal compõe-se de dois primeiros tenores, *Duchaumont* e *Emon* — 2.º tenor, *Marchap* — 1.º baixo, *Bouchet* — 2.º dito, *Ablet* — barytonos, *Felix* e *Fernando* — regente da orchestra, *Guille* — 2.º dito, *Lefaix*. Damas, *Marti Almonte*, *Dellile*, *Duchaumont*. *Lelia*, *Felix* e *Guille*. A companhia é dirigida por Mrs. *Emon* e *Maxti*, e o repertorio que promette representar, durante a sua demora de alguns mezes n'esta côrte, é o seguinte: — *La fille du Regiment* — *Le Barbier de Séville* — *Les Diamants de la Couronne* — *Le Dominó noir* — *La Part du Diable* — *Le Postillon de Longjumeau* — *Le Songe d'une nuit d'été* — *L'Ambassadrice* — *Les Mousquetaires de la Reine* — *Le Maçon* — *Les Dragons de Villars* — *Le Roman d'Elvire* — *La Dame blanche* — *Fra Diavolo* — *Le Pré aux clercs* — *Zampa* — *Si j'étais roi!* — *Les Amours du Diable* — *Le Caïd* — *Galathée* — *Marie* — *Les noces de Jeannette* — *Le Châlet* — *Maitre Patelin* — *Benetez-vous bourgeois* — *Lucie* — *La Favorite* — *La Muette* — *Marie de Rohan* — *La Fiancée* — *L'Eclair* — *Le Dieu et la Bayadère*.

A companhia estreiou-se, na noite de 5 do corrente no *Theatro Lyrico* com a opera — *Les Diamants de la Couronne* — e foi bem recebida, o que não é pequena vantagem, mesmo dado o desconto devido n'um theatro onde cantaram *La Grange* — *Tamberlik* — *Stoltz* — *Mirate* e outros artistas de primeira ordem.

F. X. DE NOVAES.

CHRONICA POLITICA

Lisboa, 30 de novembro de 1861.

Infandum..... renovare dolorem.



nossa chronica do mez passado terminava sob tristes presentimentos. «Oxalá, diziamos — fallando de uma cultura, que tem coberto boa parte do paiz de pantanos artificiaes — que não seja necessario que a grandeza da victima faça acordar os que dormem sobre o luto de tantas familias e a devastação de tantas

populações!» Os acontecimentos foram ainda além dos nossos receios. Com effeito nos ultimos dias de outubro os boletins do paço davam o Rei e dois dos Infantes atacados de febre; mas só a doença do Infante D. Fernando, apresentando alguns symp tomas graves, inspirava serios cuidados. As côrtes reuniram-se a 4 de novembro, e o ministerio, abrindo a sessão ordinaria por commis-

são do Rei, fazia ler pela voz do presidente do conselho o discurso da corôa, em que se notava o seguinte periodo:

«Sua Magestade acha-se felizmente quasi restabelecido da doença que ultimamente experimentou, succedendo o mesmo a Sua Alteza o Senhor Infante D. Augusto. Sua Alteza o Senhor Infante D. Fernando, depois de uma grave enfermidade, que chegou a inspirar serios cuidados, encontra-se, graças á providencia, em estado bastante satisfatorio.»

O resto do discurso era notavel pela estirilidade e laconismo. Nenhuma iniciativa se apontava. Não se alludia a nenhuma só das medidas importantes, que a opinião e as necessidades publicas reclamam. O pensamento do governo era addiar as camaras, como geralmente se annunciava. No dia 5 leu-se nas duas casas legislativas o decreto de addiamento para o dia 2 de janeiro.

Um jornal disse n'aquella época que o discurso da corôa era mais um boletim sanitario do que um documento politico. Infelizmente o boletim era tão pouco verdadeiro, como os que se publicam nos exercitos depois de uma derrota. No dia 6 pelas cinco horas da manhã fallecia o Senhor Infante D.

Fernando, esperançoso joven de 15 annos, sexto filho da virtuosa Rainha D. Maria II. No dia 8 saía do palacio das Necessidades para o real jazigo de S. Vicente de Fóra o saimento funebre do moço Infante. No dia 9 o boletim do *Diario* dizia que El-Rei D. Pedro e o Senhor Infante D. Augusto haviam tido accessos febris, ainda que com menos intensidade do que antecedentemente. Porém as notícias extra-officiaes, mais acreditadas e mais verdadeiras, eram atterradoras. Ás onze horas da noute as torres da cidade, dando o signal melancolico do convite á oração, como é uso da igreja nas grandes calamidades, annunciavam ao povo da capital que os dias do Monarcha estavam em perigo. A população correu aos templos e depois ao palacio. Os dias 10 e 11 foram de verdadeiro sobresalto e inexplicavel anciedade. No dia 11 pelas sete horas e meia da tarde, depois de dois dias de lenta e tranquilla agonia morreu D. Pedro VI!

...Aequa lege necessitas

Sortitur insignis et imos:

Omne capax movet urna nomen.

O sentimento publico foi immenso. O prestito funebre, que no dia 16 acompanhou o cadaver do fallecido Monarcha ao pantheon dos reis da casa de Bragança, foi uma solemne e magestosa demonstração de magoa, como de outra igual não ha entre nós exemplo. Não só Portugal, mas a Europa toda deplorou a morte do Monarcha portuguez. Exceptuando duas folhas legitimistas, a *Gazeta de França* e a *Armonia de Turim*, a universalidade da imprensa europea exaltou as virtudes de D. Pedro VI e deu testemunho do sentimento geral que produzira a noticia da sua morte. O *Observer* de Londres diz que a morte do Rei D. Pedro fóra uma calamidade para Portugal e para a Europa. As côrtes estrangeiras rivalisaram em demonstrações de sentimento por este infausto successo.

Por quanto fossem grandes as virtudes do moço e infortunado Rei, vasta a sua illustração, extrema sobretudo a mansidão e bondade do seu caracter, foi todavia tão curta e serena a época do seu reinado, tão pouco conhecidos e apreciados são lá fóra os factos da nossa intima vida social, e tão pouca é a influencia que exercemos na Europa, como potencia politica, que as sós qualidades do homem e do Monarcha em relação ao seu paiz não explicam de todo esta dôr sympathica de povos tão alheios e affastados. É que os homens collocados n'uma posição eminente apparecem muitas vezes na historia — e para os povos já são historia os factos contemporaneos de outras nações — menos como representando a sua individualidade do que como personificando uma idéa. Os reis, que teem subido ao throno em virtude de uma revolução liberal, são suspeitos na sinceridade do seu amor pelas instituições liberaes, ou teem-se visto muitas vezes obrigados a tornar-se impopulares, reprimindo os excessos do principio revolucionario a que devem a sua origem. Porém no meio da lucta dos thronos hereditarios contra os principios de liberdade, o rei que herdára um throno e que soubera sempre mostrar-se amigo sincero das instituições e da liberdade não podia deixar de se tornar para a Europa um exemplo notavel e um vulto heroico e sympathico aos liberaes de todos os paizes, mesmo quando fossem menos

solidas as suas qualidades de homem e de Monarcha. No meio das mutuas desconfianças, ás vezes exaggeradas, entre povos e soberanos, um rei chorado universalmente pelo seu povo deve ser uma advertencia salutar aos que pertendem sustentar por outros meios, na Europa moderna, o prestigio da realza.

O curto reinado de D. Pedro v não foi para Portugal uma época totalmente isempta de prosperidade material. Depois de agitadas luctas politicas, os fructos da paz, da tolerancia e da liberdade tem-se feito sentir desde 1851 até o dia de hoje. Todavia, algumas calamidades, que affligiram o paiz, o flagello de duas epidemias, a immerecida offensa que recebemos de uma nação poderosa no desgraçado negocio do *Charles e Georges*, e os desgostos particulares do Monarcha, pela morte de pessoas que lhe eram caras, entristeceram o seu character, já de si propenso á melancholia, e demasiado inquieto por não ver caminhar os negocios publicos, pelo modo que desejava no intimo do seu coração, cheio de extrema benevolencia e de elevadas ambições para o seu paiz.

Não é a primeira vez que a historia nos apresenta a prematura morte de um principe portuguez, amado pela nação. Assim morreu o principe D. Theodosio, filho de D. João iv, victima tambem de uma doença que lhe sobreviera depois de uma visita ao Alemtejo. Assim morreu o principe D. José, primogenito de D. Maria i, mancebo esperançoso e popular, a quem se diz que o grande Pombal pensára fazer transmittir a corôa do rei seu avô, com exclusão de sua mãe, pela adopção da lei salica entre nós. D. Pedro v experimentou a sorte de quasi todos os primogenitos da Casa de Bragança.

Morto o rei, e ausente seu irmão, herdeiro do throno, El-Rei D. Fernando assumiu a regencia. No dia 14 pela manhã entrava a barra de Lisboa o paquete inglez da carreira do Brazil, trazendo a seu bordo o novo rei o sr. D. Luiz, que um mez antes partira de Portugal infante, e que chamado á pressa das festas de Compiègne, por occasião da morte do infante D. Fernando, só soube que era rei, havia tres dias, quando o presidente do conselho de ministros, indo cumprimental-o a bordo, lhe deu o titulo de magestade. O novo rei prestou logo o juramento da carta, por meio de uma proclamação, e as Côrtes foram convocadas para ter logar perante ellas no dia 22 de dezembro a renovação solemne d'este juramento.

Estes successos vieram dar treguas á politica. A questão mais importante, que nos ultimos dias tem agitado a imprensa, foi a que apontámos no final da nossa chronica do mez passado, a da salubridade publica. A extensão dada á cultura dos arrozaes tem alterado incontestavelmente nos ultimos annos a constituição medica do paiz. A imprensa pede a suppressão d'esta cultura e o dessecamento de pantanos. A grandeza das victimas, como tinhamos previsto, acordou a opinião. Accordará ella tambem o poder? Duvidadamos, se a enercia e a indifferença continuarem a ser a divisa da sua gerencia.

A importancia dos acontecimentos, que absorveram a attenção e o sentimento publico, não devem desviar-nos da tarefa modesta, que nos imposémos, de registrar aqui alguns factos economicos da nossa vida quotidiana. As leis de fazenda propostas pelo ministerio de 1859, e depois adoptadas por

aquelles, que com o pretexto d'ellas tentarem sublevar a opinião do paiz n'um intuito de opposição politica, tem produzido os resultados que se agouravam para o thesouro publico, e póde dizer-se que sem vexame dos contribuintes, porque aquelles que a imprensa tem denunciado são menos filhos do rigor da lei do que da sua má ou parcial execução e da deficiencia de algumas disposições dos novos regulamentos. A distribuição do imposto industrial, por meio da *aggreiação* das diversas classes dos contribuintes, tem principalmente produzido os bons resultados, que n'outros paizes tardou a produzir este systema. Em Lisboa todavia o gremio importante dos capitalistas e negociantes de grosso tracto, um dos primeiros que se organisou, teve de se dissolver e protestar contra o modo como a auctoridade quiz a seu respeito interpretar a lei. Esta pendência será provavelmente levada ao parlamento na sua proxima reunião.

A lei da desamortisação continua a executar-se. O valor dos bens das religiosas, postos em arrematação desde os primeiros dias do mez passado, já hoje se eleva á importante somma de 700:923\$140 réis.

Dissemos na chronica do mez passado que o rendimento das alfandegas de Lisboa e Porto, no mez de setembro ultimo, excedera em 58 contos o do anno anterior. As estatisticas publicadas n'este mez na folha official mostram-nos que o rendimento d'aquellas alfandegas fôra em outubro de réis 501:586\$584, excedente em 70 contos ao do mez correspondente do anno anterior. A receita da alfandega municipal de Lisboa foi no mesmo mez d'este anno de 72:359\$766 réis, menos de um conto inferior á do ultimo anno. Estes algarismos, continuando a progressão dos mezes antecedentes, promettem-pos no fim do anno economico um augmento muito consideravel na receita do tributo indirecto, o que é, segundo os economistas, um dos signaes mais caracteristicos da prosperidade publica.

Estamos no primeiro mez de um novo reinado. Nos paizes em que funciona regularmente o systema constitucional, a mudança da pessoa do soberano nada deve influir no andamento dos negocios publicos. Esta é a theoria, e deve esta ser a pratica. Mas no estado actual das nações da Europa, excepto da Inglaterra, no estado actual dos paizes, em que o regimen constitucional, recentemente implantado, não tem ainda lançado as profundas raizes, que hão de tornal-o tradicional e historico, na presença dos paizes que o não adoptaram ainda, em que o sobverteram, depois de o haverem adoptado, e em face de um partido que o combate ainda doutrina-riamente em quasi todas as nações continentaes, poder-se-ha dizer que as qualidades pessoaes do monarcha não possam exercer uma influencia perniciosa ou benefica nos destinos do seu paiz? Ninguem o dirá por certo. Em Portugal todavia, a educação liberal que recebera o novo rei, o exemplo dos seus, que vio reinar sempre amados pelo paiz, as conhecidas e felizes disposições do seu espirito, e até a distincção com que desempenhou em tenros annos, como simples funcionario, os deveres de uma nobre e arriscada profissão, tudo nos augura a continuação do passado. Oxalá que a Providencia conceda ao novo rei mais venturosos dias, na sua vida e nas suas affeições domesticas, do que foram os do curto reinado de seu augusto predecessor.

CHRONICA LITTERARIA



chronista tem hoje a cumprir uma triste missão. Pezou a fatalidade no mez decorrido. As catastrophes succederam-se tão rapidas como dolorosas, tão afflictivas como funestas. Quando a esperança raiava era para logo sumir-se. O martyrio brotava quasi a par dasaudade! Os brados de terror, suffocava-os, ainda balbuciantes, os gemidos de suprema angustia!

E n'este tempo todas as attenções se concentravam nos paços dos nossos reis. Foi lá que surgiu, tremendo e momentaneo, o infortunio. Dias bastaram para que este levasse após a ameaça duas vidas.

E que vidas! ambas esperançosas, ambas ridentes, ambas estimadas. A vida de um infante, criança ainda, mas dotado das mais viçosas flores da intelligencia; e a vida de um rei na primavera dos annos, mas homem feito na cultivação do espirito e na madureza do pensar.

Foi fundo o golpe no coração do povo, tão fundo como verdadeiras as lagrimas que de lá subiram. Rei e infante, familia eram de todos os portuguezes, familia não só pela terra do berço, mas familia tambem pelos laços fraternaes da amisade e da intima affeição. Abençoaram-lhes o nascimento no regaço da mãe, contemplaram-os risonhos e meigos na infancia; depois, mais tarde, souberam, e viram, que os primores da educação, realçavam-lhes tanto, ou mais, as fronte, que os diademas hereditarios. N'esse momento, disse então o paiz: creio. E creô bem.

S. M. El-rei o Sr. D. Pedro v no seu curto mas glorioso reinado justificou a crença. Foi um reinado de paz, de amor e de engrandecimento intellectual. E mais val que lhe cubra o tumulo um frondoso ramo de oliveira do que uma corda de loiro. Aquelle só o rodeiam bençãos e só espalha vecejantes folhas; esta aviva quasi sempre lagrimas, tem por baixo espinhos e verte sangue. Mas, a gloria?... A gloria! Pois haverá tamanha ou maior para um rei do que a symbolisada no primeiro? A gloria da inteira ventura do seu povo. Será mais esplendida a de um feito heroico para legar á historia, mas comprado a troco da orphandade, da viuvez, das imprecações, dos queixumes, e da miseria! Não é; e a prova eil-a no Senhor D. Pedro v: morreu sem um inimigo.

Teve porém, uma batalha, e n'essa foi soldado destemido. Mas não a promoveu, não a ateou; viu-se de repente envolvido n'ella, e não fez mais do que sustentar animosa e exemplarmente o seu posto. A batalha era um flagello. A lucta não reclamava a força de braço, exigia só affoiteza d'alma. Havia o perigo, o verdadeiro perigo, o perigo que não tem defeza. Fugiram os mais intrepididos nas pelepas, allegando isso mesmo; El-rei ficou, e com elle ficaram todos os seus. Fez mais, não desamparou a cabeceira dos doentes nos hospitaes, consolando-os e animando-os; mais ainda, affrontava o contagio com as proprias mãos para estimular os receiosos. Triumphou da batalha, e triumphou rodeado de geral sympathia e de profundos affectos. Por isso quando punha ao peito a medalha da *febre amarella*, dizia: *esta ganhei-a*. E prezava-a mais que a todas.

Tambem o povo tributava á conquista d'aquella insignia todo o preito e consideração, e manifestára-os nos prantos que derramára ao vêr passar, o coche que conduzia o regio atade, e que levava pregado nas cortinas de um lado a medalha que a Câmara Municipal instituiu para condecorar os que fizeram serviços importantes na calamitosa crise da *febre amarella*, e do outro lado a da Real Sociedade Humanitaria. Acordavam aquellas medalhas o sentimento da gratidão. Infloravam lhe de saudades a memoria.

As lettras consagrava S. M. El-rei o Sr. D. Pedro v profundo amor. Cultivava-as com esmero no silencio do gabinete, nas horas que os negocios do estado lhe deixavam livres. Escrevia muito e estudava sempre. No curso superior de lettras, fundação sua, era o primeiro a attestar assiduidade e religiosa attenção. Quem se não lembra de vê-lo, sentado á direita da cadeira do professor, com o rosto inclinado e attento á palavra eloquente de Rebello da Silva ou a phrase correctá e florida de Mendes Leal? Apontava assim á mocidade estudiosa, á frente da qual se alistára, o exemplo do amor á sciencia.

Triste e inesperada morte! Destino cruel! Roubou-nos aquella vida quando mais para nós, e por nós, vivia!

Se grande foi a nossa consternação, imaginae, então a de S. M. El-rei o Sr. D. Fernando. Imaginae vós todos que o conheceis, vós todos que acaetaes os thesouros de bondade e de puros affectos que encerra no coração. Vós todos, que lhe haveis contemplado o sorriso ameno e o ar satisfeito, quando no theatro, na rua, ou nas publicas solemnidades, apparecia entre os filhos, que eram para elle esperanças legitimas, glorias fagueiras. Como ha-

viam de ser horriveis aquelles instantes! Dois foram e quasi ao mesmo tempo! Eram pedaços do coração que lhe partiam inteiros e sem resgate. Transes semelhantes não se descrevem, não se narram, não se explicam; adivinham-se, sentem-se. Adivinha-os quem póde ler, como nós, na alma de S. M. El-rei o Sr. D. Fernando; sente-os quem é pae. Silencio pois; e inclinemo-nos reverentes diante de tamanha angustia.

Um eminente poeta dotou as paginas da nossa *Revista* com a mais solemne, grandiosa e bella elegia que a dór póde acordar na lyra! É mais do que uma elegia, é um poema! Era a lingua dos deuses, a unica, para devidamente commemorar a infausta morte de S. M. El-rei o Sr. D. Pedro v. E ninguem o duvidará, lendo as bellas estrophes do sr. Antonio Feliciano de Castilho.

Ao chronista resta só agora, que, o Augusto cadaver do amado e desditoso soberano, repousa ao lado dos entes que mais estremecêra na terra, mãe e esposa, no real jazigo de S. Vicente de Fóra, resta, dizemos, consignar n'estas paginas as derradeiras homenagens prestadas á sua memoria.

Imponente e magestoso foi o prestito funebre? O povo tomou parte no cortejo, formando alas ou alinhando-se no acompanhamento. No aspecto de todos reinava a mais intima tristeza, e o silencio era apenas interrompido pelo soluço das lagrimas!

A mesma impressão se observava do largo das Necessidades até S. Vicente. No cortejo não havia precedencias. O sentimento que alli dominava, nivelára todas as classes e jerarchias. Junto á associação operaria do mais humilde lavor ia a mais distincta corporação. Era a verdadeira expressão de um culto.

Abria o prestito um esquadrão de lanceiros.

Seguiam-se, formando a frente do cortejo popular, as mezas do centro promotor, gremio popular, e associação fraternal lisbonense, a que iam reunidas as senhoras que tomavam logar no prestito e algumas alumnas da escola de instrucção primaria. A direcção do theatro do Gymnasio e todos os seus empregados, e a direcção do theatro da rua dos Condes formavam igualmente parte do centro promotor.

Depois, sem especie de distincção alguma, seguiam-se as associações scientificas, commerciaes, agricolas, industriaes, operarias, artisticas, de soccorro mutuo, economicas, de beneficencia, de educação popular, theatraes e de recreio popular.

As diversas associações não apresentavam um numero inferior a cinco mil concorrentes.

A sociedade dos artistas lisbonenses levava em uma salva de prata uma corôa de perpetuas para depositar sobre o regio ataude, seguindo ao lado d'esta dadiva funeraria a viuva do fundador da mesma associação, que recebia uma pensão do finado principe.

As associações denominadas, gremio popular e fraternal lisbonense levavam os seus livros de registo dos socios, cobertos de fumos pretos.

Enfileiradas com as associações iam as corporações dos empregados da alfandega grande e municipal com os seus respectivos directores.

Os homens de lettras e jornalistas levando á sua frente o sr. Alexandre

Herculano, amigo devotado e intimo de S. M. El-rei o Sr. D. Pedro v. Junto-se á corporação litteraria o sr. Luiz Sauvage, digno representante da imprensa franceza. É um dever, deixar gravado aqui, o nosso reconhecimento.

A imprensa nacional com todo o seu pessoal da contadoria e das vastas officinas do mesmo estabelecimento; o conservatorio real de Lisboa; as actrizes e actores do theatro normal e os dos outros theatros; a empreza do theatro de S. Carlos e todos os seus empregados; os empregados da administração do hospital de S. José; um grande numero de asylados do asylo da mendicidade acompanhados pelo seu provedor o digno par do reino o sr. José Isidoro Guedes, e os asylos da infancia desvalida de Lisboa, Campo Grande e Santa Catharina; os empregados superiores, subalternos e operarios dos arsenaes do exercito e da marinha; os lentes e alumnos do curso superior de lettras, das escolas polytechnica, do exercito e naval, medico-cirurgica, do collegio militar, do lyceu nacional de Lisboa, e do instituto agricola e industrial; os alumnos de muitos collegios particulares com os seus directores.

Deputações de todas as repartições publicas, da junta do credito publico, do conselho de saude, e repartição de pesos e medidas; dos corpos de veteranos do exercito e da marinha. O corpo de bombeiros; o corpo telegraphico; os estados maiores e officiaes subalternos de engenharia, de artilheria e das outras armas; os officiaes em commissão em Lisboa e muitos cirurgiões militares; os empregados da administração da casa real e da de Bragança; os empregados do governo civil de Lisboa com o secretario geral e os administradores dos quatro bairros da capital, e todos os seus empregados; as camaras municipaes dos concelhos de Oliveas e Belem; os empregados judiciaes.

O sr. Page, engenheiro em chefe da companhia dos caminhos de ferro portuguezes com todo o pessoal da direcção;

A colonia britannica, a allemã, a italiana e os israelitas;

O corpo commercial, estrangeiro e nacional;

A corporação dos officiaes de marinha, a que iam reunidos alguns officiaes da marinha franceza;

A corporação dos capitães e pilotos da marinha mercante, seguidos das primeiras praças das suas tripulações, e levando na frente os condecorados pela real sociedade humanitaria por actos de coragem maritima;

Os condecorados com a medalha da febre amarella;

Os empregados, directores, e mestres de muitos estabelecimentos industriaes, em que principalmente figuravam as fabricas de lanificios de Alcantara;

O contracto de tabaco, seus empregados e operarios;

Os empregados da camara municipal.

Durante o dia todas as lojas e estabelecimentos conservaram-se fechados, não só os das ruas do transito, mas todos os mais da capital. Os edificios publicos emolduraram de crepes as janellas. Sobresaiam nos luctuosos adornos os paços do concelho e o banco de Portugal.

Enumerámos e registámos na *Revista Contemporanea*, todo o cortejo, não

official, porque este cortejo, é o mais valioso e eloquente testemunho da extrema afeição que o povo tributava a S. M. El-rei o Sr. D. Pedro v.

Ao funeral do *Amigo dos que trabalham* não faltou, nem podia faltar nenhum dos operarios da industria, das artes, do commercio ou das letras. E a resolução manifestou-se logo, e tão geral como espontanea. Subio do coração o brado, porque lá vivia, e lá vive ainda em gratas memorias.....

.....

.....

Sumio-se um astro, outro despontou. Foi esplendido aquelle; tem os mesmos raios vivificadores este. Enche-o igual luz, maior ainda, a luz do exemplo.

Rei morto, rei posto. Saudemos o novo rei. Embora punja a saudade, a esperanza existe sempre. E esperanza devemos ter. S. M. El-rei o Sr. D. Luiz I, é moço, é illustrado; ha de pois, sustentar com o mesmo fulgor o sceptro que herdara de seu irmão.

Presagia-lho hoje n'estas mesmas paginas a voz de um grande poeta, e o presagio ha de realizar-se, como se legitimou o titulo de rei-artista que o mesmo poeta deu a S. M. El-rei o Sr. D. Fernando.

ERNESTO BIESTER.